CATIMBÓ

MAGIA DO NORDESTE

José Ribeiro

Anexo: Maravilhas do ZÉ PELINTRA

OUTRAS OBRAS DO AUTOR
PUBLICADAS POR ESTA EDITORA:

- Eu, Maria Padilha
- O Jogo de búzios
- A magia do candomblé
- Mágico mundo dos orixás

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Ribeiro, José, 1930-
R369c Catimbó: magia do Nordeste / José Ribeiro — Rio de Janeiro: Pallas, 1992.
128 p.

Conteúdo parcial: Maravilhas do Zé Pelintra.
Anexos.

1. Catimbó (Cultos). 2. Cultos — Brasil, Nordeste. 3. Deuses da Umbanda — Culto. I. Título.

92-0152 CDD 299.67
CDU 299.6

José Ribeiro

CATIMBÓ
Magia do Nordeste

Rio de Janeiro
1991

Copyright ©*by*
José Ribeiro

Editoria:
Cristina Warth
Ari Araujo

Capa:
Verardo

Arte-Final:
José Geraldo O. Lacerda

Composição:
Cid Barros

Editoração:
Hernani de Andrade

ÍNDICE

EM RESPEITO

À consagrada e venerável Catimbozeira Maria Mumbaba, força viva e prestigiada nos Catimbós do nordeste, o meu mais profundo e afetuoso agradecimento por tudo quanto me orientou.

ÀS AUTORIDADES DOS CULTOS

*Babalorixá e escritor José Paiva de Oliveira (*Pai Paiva*), Babalorixá* Djalma de Lalu, *Babalorixá Odilon de Oxóssi, Babalorixá Edwiges B. da Silva, "Pai Edu" (Vice-Rei do Candomblé no Brasil), Babalorixá Anedito Fernandes Santos (Príncipe do Candomblé no Brasil), Babalorixá José Benedito Maciel (Embaixador do Candomblé no Brasil), Babalorixá Jorge de Iemanjá (falecido), Babalorixá Josemar D'Ogum, Ialorixá Lourdes de Iansã (Princesa do Candomblé no Brasil), Ialorixá Arlete Moita (Embaixatriz da Umbanda), Ialorixá "Preta" da Iansã, Ialorixá Belinha D'Oxóssi, Ialorixá "Mãe" Olga de Oxalá, Ialorixá* Jubiladê *da Oxum, Ialorixá* Mazza-Kessy *da Oxum, Ialorixá* Oyácemy *da Iansã, Ialorixá* Alaguinã *de Oxalá, Ialorixá* Katulembá *de Obaluaiê, Ebome* Oyánegy *da Iansã, o meu abraço fraterno e firme amizade.*

A todos os Ministros-de-Xangô e Cavaleiros da Ordem de Iansã, o meu reconhecimento, e agradecido me faço pelos revelantes serviços prestados ao "Palácio de Iansã".

AGRADECIMENTOS

À saudosa e inesquecível Ialaxé *do "Palácio de Iansã", Terezinha Cruz (*Mananguê*), a gratidão afetuosa e repleta do reconhecimento de todos que aqui ficaram pranteados. Obrigado por tudo,* "Nêga Véia".

*Aos inesquecíveis amigos e colaboradores Ministros-de-Xangô do "Palácio de Iansã", Dr. César Lucio da Cruz e Antonio Viturino de Aguiar (*Veneno*), a gratidão pelos favores recebidos.*

À pranteada e estimada Ekéde *Luzia Medeiros, o profundo agradecimento do "Palácio de Iansã", acompanhado de saudade eterna.*

A todos os irmãos e irmãs Babalorixás e Ialorixás, o nosso preito de saudade no descanso da Paz de Oxalá.

AOS CONFRADES E AMIGOS

Jornalista Amado Ribeiro, jornalista Celso Rosa (Decelso), jornalista José Beniste, jornalista José Dias Roxo, jornalista Edgard de Moura, jornalista Edgard de Souza, Dr. João Xavier, Dr. Rossi Lopes da Fonte, Cel. Victor Cândido Maia Castro, Deputado Leôncio de Aguiar Vasconcellos, Deputado Viváldo Barbosa, Dr. Eurico Miranda, Editor Antônio Carlos Fernandes, Editor Franccesco Molinaro, Editor Ernesto Emmanuele Mandarino, o tributo da minha firme amizade, respeito e admiração.

À Dama de Honra de Dona Iansã Egun-Nitá, *Sra. Regina Figueiredo, o orgulho em tê-la por digna acompanhante do Glorioso Orixá.*

EM DESTAQUE

MESTRA MARIA RODRIGUES DA SILVA (Maria do Acai)

Renomada catimbozeira, residia na localidade denominada Alhandra (Lianda), na Paraíba. O autor foi levado por seu irmão Chico do Jordão, ainda muito menino, tendo sido por Mestra Maria do Acai juremado, juntamente com sua sobrinha Maria da Penha de Paula, filha de Chico do Jordão, quando, respectivamente, receberam os títulos de Príncipe e Princesa do Juremá.

Mestra Maria do Acai era considerada como uma semideusa. Ali aportava gente de toda parte do País, para trabalhos diversos.

FRANCISCO ANTÔNIO DE SOUZA (Chico do Jordão)

Renomado catimbozeiro no Recife e em João Pessoa, profundo conhecedor dos mistérios do Catimbó, irmão do autor da presente obra. Trabalhava tanto na direita como na esquerda. Iniciado por Mestra Maria do Acai, foi fundador e mestre-dirigente do Centro Espírita Deus, Amor e Caridade, na Paraíba. Foi ele quem encaminhou o autor nos trabalhos de magia, aos seus 9 anos de idade. Ganhou o chamamento de Chico do Jordão, em razão de residir na localidade denominada Jordão. É cimentado e juremado na magia do Catimbó.

EM RELEVO

À minha Mãe Iansan Egun-Nitá, *com a gratidão eterna, na certeza da sua proteção permanente.*

Ao meu Pai Oxóssi, no mais estreito preito de reconhecimento, curvo-me agradecido.

Ao "seu" Tranca-Ruas das Almas, *a inabalável confiança e o reconhecimento pelos benefícios alcançados.*

Ao "seu" Chico-Diabo, *amigo e camarada, aquele que não dá "Varada n'água", o pleno agradecimento pelos trabalhos realizados.*

Ao "seu" Boiadeiro Navizala, *todo o meu respeito, orgulho e gratidão em tê-lo por Entidade.*

Ao "seu" Cachoeirinha, *toda a extensão do meu firme reconhecimento.*

Aos Senhores Mestres da Jurema: *Zé Pelintra, Mestre Carlos, Mestre Malunguinho, Mestre Zezinho do Acai, Mestre Tertuliano, Mestra Maria do Acai, Mestra Luziana, Mestra Almerinda Africana, o meu preito de reconhecimento eterno.*

PÓSTUMAS

*À memória de minha inesquecível Mãe carnal, Aquilina F. da Conceição (*Mãe Kilu*), meu preito de amor eterno, rogando a glória da paz no Reino de Oxalá.*

*À minha Mãe-de-Santo Dálcia Maria do Nascimento (*Mãe Dálcia do Gantois*), que Oxalá a tenha em seu Reino.*

Ao meu Pai-de-Santo, Táta ti Inkice *Olegário Luiz Medeiros (*Odé-Aualê, *do Oxóssi), na saudade imorredoura, sou-lhe agradecido por tudo o que recebi.*

Ao saudoso irmão e Babalorixá Carlos Leal Rodrigues, o meu preito de saudade.

*Aos meus Filhos-de-Santo: Antônio Rogério Dias (*Aunjô-Alê*), Edmar Xavier de Oliveira (*Oyá-Becy*), Maria da Silva Costa (*Obakilegy*), Maria da Penha de Paula (*Omim-Taladê*), Maria da Penha (*Nazalarê*), José Al Valentim (*Oyá-Zumbalé*), Maria Regina (*Obatundê*), como prêmio merecido, o descanso da paz celestial.*

AGRACIAMENTO

Recentemente, por ocasião de sua última estada em Roma, Itália, o Prof. José Ribeiro recebeu, entre outras importantes honrarias, uma que espelhou-se em Vitrine de Distinção Espiritual, ao ser agraciado com o conferimento de um Diploma de Bênção-Pessoal, presente de S. Santidade o Papa João Paulo II.

POST MORTEM

Ogã CLÁUDIO RIBEIRO DE SOUZA
(Claudinho)
★ 13-03-68 † 04-05-90

Nesta página de saudade, a você, meu filho, que o sossego e a tranqüilidade sublimes da Paz de Oxalá, onde descansas no remanso Divino, sejam-te as permanentes companhias.

Todo o amor que a ti dedicamos em vida, saibas, permanece preservado na tua ausência material, súbita e irreparável.

Teus pais, José Ribeiro e Lúcia, teus irmãos e amigos que fizestes e deixastes neste "Palácio de Iansã", permanecem pranteados e rezando em saudade imorredoura.

Por todos os méritos irrefutáveis, por tua saudosa e reclamada presença material, amenizada pela certeza da tua permanência espiritual ao nosso lado, é que toda a imensa Corte do teu Palácio de Iansã — nesta e em todas as demais obras — te eleva à merecida condição de seu imortal Ministro de Xangô, com assento permanente localizado à direita do Pai Oxalá.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores e irmãos-de-fé

Mais uma vez compareço ao convívio de vocês, trazendo-lhes uma obra de estudos aprofundados e de pesquisas tópicas sobre toda a magia do CATIMBÓ do Nordeste brasileiro.

A priori, *há que esclarecer que reporto-me tão-somente às práticas dos primitivos Catimbós, ao tempo distado de aproximadamente cinqüenta anos, época em que a ele me filiei, conduzido que fui por meu saudoso irmão e renomado Mestre, Chico do Jordão, à presença da pranteada semideusa do Catimbó, a divina Mestra Maria do Acai, minha madrinha. Isto aconteceu aos meus nove anos de idade.*

Ao tempo acima mencionado era tarefa difícil — e mesmo temerária — a realização de u'a "mesa" de Catimbó em ambientes fechados. A perseguição policial era de imediatismo impressionante e repressiva. Para se fugir a ela, as Sessões eram sempre efetuadas em meio a matas diferentes, e sempre acontecidas mensalmente.

Recordo-me bem que, na companhia da Mestra Maria do Acai, de minha finada mãe Kilu, do Mestre Chico do Jordão, de Maria Mumbaba e de Adélia, minhas irmãs, saíamos à escolha dos locais adequados. E, não raras vezes, procurando impedir a implacável aproximação policial, nos vimos molesta-

dos e impedidos das realizações programadas. Óbvio se tornou que imprimíssemos um interregno maior no espaço de tempo de uma para a outra Sessão.

Felizmente, aos tempos atuais, nos terreiros existentes — por força de legislações já bem mais suaves e protetoras — as Sessões realizam-se dentro de um clima da maior tranqüilidade, seguindo, porém, um rito bem diverso. Raríssimos são os que continuam conservando as origens do culto primitivo, ou seja, o Catimbó de Cototobá *(esteira, chão batido e ao ar livre), a exemplo do que realizamos mensalmente em nosso terreiro, todas as primeiras segundas-feiras de cada mês, sempre com início às 22 horas. Claro está, que estaremos esperando a presença dos queridos irmãos. Venham conhecer um pouco de tudo aquilo que esta obra, no seu contexto, pontifica. Nosso endereço é: Estrada Santa Efigênia, 152 — Taquara, Jacarepaguá, RJ — Tel.: 342-2176.*

Mantenham contato com os senhores Mestres e Mestras da Jurema, *o símbolo sagrado do Catimbó, em especial com o grande* Mestre Zé Pelintra.

Sem mais, aproveitem bem e julguem a presente obra.

Atenciosamente,

Prof. José Ribeiro

PREFÁCIO

Desenhar através de palavras o extraordinário perfil do literato e já consagrado escritor patrício, Prof. José Ribeiro, torna-se missão não muito fácil. Descrevê-lo numa prefaciação de obras por ele escritas representa perigo iminente, face a uma possível ausência de conceituação substanciosa para quem o fizer. Isto, porque suas fundamentações são sempre dignas e rotuladas da maior acuidade.

Entretanto, agraciado que me vi pelo renomado escritor para prefaciar este CATIMBÓ — Magia do Nordeste, *aceitei o convite e compareço, modestamente, nas páginas deste volume. De uma entre outras coisas, estou certo: com a aparição deste* CATIMBÓ — Magia do Nordeste, *na inteireza do contexto, aliás, jamais trazido à luz do conhecimento público, ganham todos os aficcionados, adeptos, atuantes e professantes do espiritualismo, um compêndio ilustrativo e doutrinador sobre o específico e complexo tema da obra.*

Nela, o autor volteia-se por diferentes meandros do Catimbó, desde seus primórdios, quando as perseguições policiais eram constantes e implacáveis, alcançando o momento atual, e esclarecendo suas modificações.

Conta-nos passagens da sua introdução no Catimbó nordestino ao lado de seus familiares, busca em ações tópicas episódios os mais importantes para substanciar este seu trabalho,

além de doutrinar, orientar e esclarecer aos catimbozeiros de hoje o método correto e eficaz de como agiam os senhores Mestres Catimbozeiros *de outrora, conservando na essência toda a raiz da qual provieram.*

Os mais respeitados Mestres e Mestras do Norte e Nordeste brasileiros são aqui evidenciados, com suas Linhas *e características.*

São capítulos seguidos com os quais este modesto prefaciador jamais esperava se deparar.

Completa o trabalho um Anexo, sob o título Maravilhas de Zé Pelintra, *este famoso Mestre do Catimbó, que os efeitos da migração interna fizeram chegar ao "Sul Maravilha" na forma de um Exu, dos mais populares e queridos.*

Aconselho tão somente aos amigos leitores: manuseiem CATIMBÓ, Magia do Nordeste, *estudem-no e dêem seus julgamentos. Estejam de parabéns pelo que esperavam, mereciam e conseguiram.*

Ao estimado irmão autor, à PALLAS EDITORA, o meu maior agradecimento.

Atenciosamente,

RUBEM BRANDÃO
Jornalista

O AUTOR NO CATIMBÓ

Muito embora nunca tivesse sido minha especialidade dentro dos cultos Afro-brasileiros, já que sempre estive entregue à prática do ritual Nagô, procurei e me interessei em adquirir conhecimentos sobre o Catimbó ou Jurema.

Fui residir no Recife com minha família. Lá, me foi oferecida a oportunidade de travar conhecimento com inúmeros e renomados catimbozeiros, cujos nomes desejo, por méritos, deixar aqui assinalados:

A filha da Baiana do Pina, a velha Lydia; Manoel Mariano, da Água Fria; Lydia, também da Água Fria; Maria Dalazi, que era filha de Iemanjá; Apolinário Gomes da Mota, de Casa Amarela; Leovegildo Guedes Alcoforado (Gildinho da Estrada dos Remédios); Benedito, da Estrada dos Remédios; José Romão, filho do célebre Pai Adão; Maria Angola, na Mostardinha; Adélia e Maria, com quem trabalhei, juntamente com minha mãe e meu irmão Francisco; Elisa e Maria do Carmo Lira (Carminha); João Marcelino e outros mais.

Tempos depois, já bastante esclarecido e praticante do Catimbó, fui até a Paraíba, região onde se pratica com intensidade o referido ritual. Lá, fui levado a juntar-me a todos os respeitáveis catimbozeiros do Estado. Foi assim que me fiz amigo de Nezinho Pintor, em Jaguaribe, subúrbio de João Pessoa; Maria Coco, em Cruz do Peixe, Tambiá; Severina Cas-

siano (Biú), na Torrelândia; Maria Feitosa; Joana, da rua Sta. Julia; uma outra Joana, conhecida como "Joana Pé-de-Chita", de Sta. Rita, interior da Paraíba — uma preta, catimbozeira muito temida e respeitada por seus concorrentes, talvez a mais temida de todos. Ela tinha por hábito dizer que o "seu cachimbo tinha que ser respeitado", e era! Mendes, outro renomado e respeitado catimbozeiro da Paraíba, que realizava curas maravilhosas com o emprego apenas de água, residia no Tambauzinho; meu irmão Francisco — que chefiava o Centro Deus, Amor e Caridade, na rua da República — mais tarde, transferiu-se para Recife, indo residir na localidade denominada Jordão, na Piedade. Ali, passou a ser conhecido com o apelido de "Chico do Jordão", tendo realizado maravilhosos trabalhos e importantes curas.

Desejo, ao final, consignar em particular o nome de minha falecida madrinha Maria Rodrigues da Silva, mais conhecida como "Maria do Acai". Com ela, lá em Alhanda ou Lianda, local onde morava, aprendi muito sobre as coisas e práticas do Catimbó. Hoje desenvolvo sessões de Mesa do Catimbó em meu Terreiro, aqui no Rio de Janeiro, na Estrada Santa Efigênia, 152 — Taquara — Jacarepagua — toda primeira segunda-feira de cada mês, com início às 22 horas.

Nelas, entre outros "Mestres da Jurema", incorpora-se a conceituada, querida e procurada Entidade que abordo na presente obra: Zé Pelintra. Tratando-se de Catimbó, o insuperável mago da feitiçaria é figura proeminente.

CATIMBÓ

É bastante difícil definir a que sistema religioso pertence o Catimbó. Se ao politeísmo ou ao monoteísmo cristão.

A verdade é que o Catimbó praticado no Nordeste difere grandemente do Candomblé, Xangô ou Macumba.

Observe-se que ele não possui, como nos cultos acima, uma hierarquia sacerdotal. Não exige período de iniciação, não havendo preceitos especiais, rituais, cerimônias, trajes, toques, etc., próprios desse culto.

O Chefe do Catimbó é o Mestre, sendo o ritual que comumente pratica muito semelhante às práticas espíritas comuns. Entretanto, encontra-se nos catimbós a aparição de orixás africanos, caboclos (índios), pretos-velhos. Baixam espíritos de Mestre falecidos, como Mestre Carlos, Índio Pinavarassu e Anabar, pretos-velhos como Pai Joaquim, etc.

Estas entidades *acostam-se* durante a Sessão de Catimbó, receitando e aconselhando, consolando e tratando de todos os filhos fiéis. Os mestres de Catimbó, diferindo dos Babalorixás e Ialorixás dos cultos africanos, têm, entretanto, a mesma bondade e cuidado com os seus filhos. Suas práticas são mescladas de feitiçarias africanas e indígenas, rezas católicas e invocações espíritas.

Os mestres de Catimbó usam defumar seus filhos com a fumaça dos cachimbos, a fim de livrá-los dos maus fluidos que

Mestre José Ribeiro, reverenciando a *Jurema*, árvore sagrada do Catimbó.

lhes estejam causando algum mal-estar. Ao baixar das entidades invocadas, são entoadas suas linhas – melodias particulares e características de cada Mestre – e que revelam sua vida.

Não possui o Catimbó instrumentos de percussão, nem alimentos votivos característicos. Não se empregam danças nem vestimentas especiais. Como se observa, o Catimbó é mais uma mistura de catolicismo e espiritismo. A sua prática é executada da seguinte maneira.

a) Prepara-se uma mesa grande, forrada com uma toalha branca. Em cima da mesa são colocadas flores e velas acesas.

b) São preparados defumadores, os cachimbos dos senhores Mestres, com fumo picado e misturado com alfazema.

c) Preparam-se jurema, erva-doce, cravo-do-reino, casca de limão ou laranja, canela em casca, para a composição das misturas dos senhores Mestres.

d) Sentam-se todos concentrados em torno da mesa e o Chefe dá início aos trabalhos, com uma prece.

Em seguida *abre-se a mesa* cantando as seguintes linhas:

Bate asa e canta o galo
Dizendo Cristo nasceu.
Cantam os anjos nas alturas
Rei Nuino
Glória no Céu se deu.

Glória no Céu se deu
Nas portas do Juremá
Abre e dê licença Sta. Teresa
Para os Senhores Mestres baixar.

Oh, minha Sta. Teresa
Pelo amor de Jesus
Abre a mesa e dê licença
Sta. Teresa
Pelo irmão João da Cruz.

Por Deus eu te chamo
Por Deus eu mandei chamar. (bis)
(Mestre ou caboclo fulano de tal).

CATIMBÓ NÃO É MACUMBA NEM CANDOMBLÉ

No Catimbó não há promessas, votos, unidade do protocolo sagrado. É um consultório tendendo, cada vez mais, para a simplificação ritual. Não há festas votivas, não há corpo de filhos-de-santo para louvor divino dos Orixás nem preparação obediente de *laôs*. De instrumentos musicais resta a *marca-mestre*, cabacinha na ponta de uma vareta, com que o Mestre divide o compasso das linhas. Não há cores, vestidos, contas, enfeites especiais, nem alimentos privativos, fetiches de representação. Catimbó não é Macumba nem Candomblé, permanece isolado, diverso, distinto.

No Catimbó, os que acostam são catimbozeiros falecidos. Não há um só Mestre que não tenha vivido na Terra. Nas Macumbas e Candomblés passa o sopro alucinante das potestades africanas, deuses nascidos misteriosamente, com poderes espantosos.

Tudo no Catimbó se faz com a Linha da Licença, onde se fala, sisudamente: "com o poder Jesus Cristo, vamos trabalhar". Das centenas de orações recolhidas no arquivos catimbozeiros, nenhuma alude a um encantado e infalivelmente a Deus, Santíssima Trindade, Santos, às Almas. Só encontrei duas que se dirigiam às estrelas e ao sol. O espírito é religioso, formalístico, disciplinado, respeitoso da hierarquia celestial. Ninguém, numa Macumba ou terreiro de Candomblé, admite

licença de Jesus Cristo para Xangô, nem santo católico atende ao chamamento insistente dos tambores.

Há no Catimbó muito Pará-Amazonas. São as univerdades do curso secreto. A ordem, na citação respeitosa que é a credencial na ordem dos valores, começa por Belém do Pará, Manaus depois. O terceiro lugar é Pernambuco, a cidade do Recife e Brejo da Madre de Deus, onde houve Mestre de respeito e que hoje em dia está guiando espiritualmente mesas de Catimbó. Em seguida: Paraíba, a capital, Serra da Raiz, Mamanguape, Campina Grande. São estas as terras mais ilustres onde os Mestres tiveram lições e conheceram os *bons saberes*. São os nomes de indiscutida e velha prestimosidade. Não se fala muito na Bahia.

PAJELANÇA E TORÉ

Pajelança

Não se pode falar em Catimbó sem se referir à Pajelança. Ambos se identificam, muito embora em regiões diferentes.

A Pajelança é uma forma de religião praticada no Amazonas, Pará e Piauí.

Sua prática reúne uma mistura heterogênea de rituais de várias outras religiões. Nela são encontrados ritos de Candomblé, Xangô (muito ligeiramente), Catimbó, Espiritismo, Catolicismo e práticas de origem indígena.

Nas suas reuniões, o Pajé e as demais pessoas presentes bebem o tafiá (cachaça), enquanto o chefe dirigente se prepara para atender aos consulentes.

Após a invocação dos encantados que baixam, é feita a indagação da causa dos males que afligem este ou aquele filho. É também procurada a puçanga (receita) indicada para cada caso.

Os encantados que receitam, geralmente, são almas de animais que encarnam no Pajé. Caso esse encantado não conheça o remédio eficaz, indica qual o meio a seguir.

O Pajé usa sempre na mão o maracá e um feixe de plumas de ema. O único instrumento musical usado na Pajelança é o maracá, que se transforma em instrumento mágico quando manejado por ele.

É importante assinalar que a alma dos bichos, quando incorporada ao Pajé, costuma desejar danças, brincar e divertir-se. Verifica-se o aparecimento de danças muito movimentadas e alegres. Os gestos são uma espécie de mímica, sempre de acordo com o espírito que as executa.

As práticas da Pajelança incluem a feitiçaria africana, a do Candomblé, a indígena, etc.

Toré

O Toré é de origem ameríndia, onde as pessoas buscam remédios para suas doenças, procuram conselhos com os caboclos que baixam. O Mestre defuma, receita, aconselha. Certamente, é o mesmo Catimbó dos arredores dos grandes centros nordestinos, onde os destituídos de melhores condições financeiras procuram-no como oráculo, para minorar seus penares e desditas.

Quando asseguramos que o Toré é o mesmo Catimbó, Pajelança, Babassuê ou a Encanteria do Piauí, fazemo-lo porque neste imenso Brasil as denominações de uma cerimônia variam de região para região. Em Alagoas, por exemplo, na foz do Rio São Francisco, em Piaçabuçu, o Toré é o mesmo, mesmíssimo Catimbó, onde, além das funções medicinais fisioterapêuticas, são encontrados os elementos fundamentais herdados pelos índios: a jurema e a defumação curativa. Basta reportar aos estudos de Oneyda Alvarenga, Roger Bastide, Gonçalves Fernandes, Luís da Câmara Cascudo e Eduardo Galvão, para que se veja a semelhança entre o Catimbó, Pajelança, Babassuê e o Toré que aqui registramos.

No Toré faz-se a procura do nome da moléstia e a adivinhação mágica. Além da defumação, usam ervas e, dentre elas, se destaca a jurema, em cujos poderes mágicos os sertanejos acreditam piamente. É, portanto, medicina mágica, onde o seu executor é o Mestre Presidente do Toré.

No Toré de Piaçabuçu, os Caboclos para baixarem precisam ser chamados na "piana" por meio de um canto (linho ou linha) e batidas de maracá. O Mestre dirigente do Toré não usa vestes especiais, a não ser um cocar de penas, chamado

por ele de capacete de índio. Os Mestres e membros do Toré se reúnem às quartas-feiras e sábados, logo após o sol se pôr. É uma reunião denominada chamada. Após a reunião em que várias pessoas tomam parte (15, ou mais), há uma outra, que é o "trabalho da ciência", assistido apenas por cinco ou seis membros mais importantes, ou melhor, mais adiantados no trabalho. A este serviço de mesa os não iniciados são proibidos de participar, a não ser aos que tenham "sangue de índio, *sangue reá"*. Há outra reunião, às vezes anual, que é a do "banquete dos maracás", da qual só os antigos membros podem participar, reservada exclusivamente para os provados freqüentadores (filho dos filhos de aldeias). Tais práticas e outros traços culturais deixados pelos índios como, por exemplo, a fitoterapia, podem ser constatados na região do baixo São Francisco.

Uma das características do atual Toré, que se relaciona bem de perto com as crenças indígenas, é o processo da manifestação dos Caboclos, no terreiro. São chamados lá na aldeia onde convivem (os vivos), caem em sonolência para poder comparecer onde foram chamados. No Toré não são invocados espíritos brancos, isto é, espíritos de pessoas que morreram. No Toré baixam só Caboclos e também alguns juremados. Juremado é o que está nos ares, quando ainda vivo bebeu jurema ou ao morrer estava sob uma juremeira. O juremado é um espírito em processo de caboclização (santificação), o que o torna não perigoso como o espírito branco. O juremado pode freqüentar aldeias e descer no Toré.

O dirigente do Toré é o Presidente. Há sempre um ajudante, um acólito. Ao Presidente compete assistir a reunião, enquanto os outros ficam manifestados.

O Presidente, o acólito e demais membros do Toré, do sexo masculino, afirmam não manter contato sexual com mulher nos dias que antecedem às reuniões. Isto deve ser observado, afirmo, para poder pegar o encanto. Também, nesse dia, não se pode beber bebida alcoólica, e é preciso tomar banho.

Para ter início o *trabalho*, nome que dão à reunião, o Presidente aproxima-se da mesa, sobre a vitrina (copo d'água), coloca sete pingos de vela, "que é o traço que representa a cruz

do Cristo". Outras vezes coloca pingos na vitrina para formar a coroa de São Jorge. No Toré há o pedido do auxílio de Jesus e dos Santos, ao passo que no Candomblé não.

Trabalhando com sete aldeias: Laje Grande, Barro de Touá (que é o massapê), Jurema, Pedra Branca, Urubá ou Urubatã, Amazona e Iemanjá, o Presidente observa na vela que é para Ogum de Ronda, e o semblante da vela é quem dá o sinal do que vem para enramar, se é contra ou a favor. Isto é necessário que se faça, porque vez por outra aparece um espírito branco com o qual precisam ter cuidado. Atira um pouco da água de uma quartinha sobre a piana, reza um Pai Nosso, uma Ave Maria, uma Salve Rainha, em intenção dos bons trabalhos, persigna-se e começa a cantar:

Em campos verdes,
ó meu Jesus, (bis)
em campos verdes
ó meu Jesus.

Madalena baixada
aos pés da cruz,
rezando este bendito
implora a Jesus.

Enquanto cantam, dançam com o corpo curvado, ficando o tronco quase na horizontal ao solo. Cantando, fazem o sinal da cruz, benzendo-se:

Abre-te mesa em campos verdes,
Cruzêro, cruzêro divino,
com as forças de Santa Bárbara
e os de sino meu pai Sinhô.
Jesus Sinhô, Pai Criadô
em tronco de Jurema
Senhores Mestres confessô
abrindo os tronco da Jurema.

Ali se faz presente o idiofônio herdado dos índios (o maracá) ou ambaracá dos guaranis, que acompanha alguns dos can-

tos. Quando algum Caboclo está relutando em baixar, o maracá é tocado com mais intensidade e mais próximo do ouvido da pessoa que irá receber o encantado. Ele mesmo balança o maracá, tirando o som e dando ritmo. A parte agógica inicia do moderato quase alegreto até alcançar o vivace. A dinâmica começa num pianíssimo, crescendo até o forte, e o canto continua com outra melodia:

Santo Antônio de Lisboa
que morô no imperadô,
que no dia vinte e nove
mucho choro me custô,
abre campa das campina azuis
os caboclo de Jurema,
vem guiado por Jesuis.

Canta com a sineta na mão. Entre um canto e outro, o acólito faz soar a sineta como se faz na hora da consagração da missa católica romana. O som das sinetas, sinos e campanas, desde a Idade Média, acredita-se possuir o poder de afastar o demônio. Por isso permanecem nos cerimoniais religiosos. Cantam a seguir:

Malunguinho, ó Malunguinho
caboclo india riá
com as forças de sinhá Luxa
e o nosso Pai Celestiá,
abre as portas que eu te mando
sete pedra imperiá,
com a força de Salomão
Nosso Pai Celestiá.

Malunguinho é o dono da chave, o que abre os caminhos. Sua presença é necessária. Com este Caboclo presente para abrir as portas da jurema, para abrir os caminhos e portas da direita (lado bom) e fechar a da esquerda, por onde podem penetrar os maus, se dá no Toré o sincretismo com as forças católicas representadas em Santa Bárbara.

A duração de uma sessão de Toré é muito menos do que a de um Candomblé. Enquanto o Toré funciona às quartas e sábados e nunca vai além da meia-noite, o Candomblé tem início no sábado à tarde e muitas vezes é dia claro de domingo e ainda os orixás estão, através dos filhos e filhas-de-santo, dançando nos terreiros.

LINHAS

As linhas representam o veículo indispensável para a apresentação do Mestre. A melodia é sempre primitiva. Suas letras são de fácil entender e por vezes obscuras, e nada mais traduzem senão um simples pretexto rítmico.

A linha é entoada pelo Mestre, que invoca um dos Mestres invisíveis. Quando este acosta, muda o timbre, porque já é o próprio invocado o cantor. Às vezes, espontaneamente, alguém inicia a linha de um Mestre, já acostado, sem ter sido chamado.

O canto é uniforme, sem acompanhamento instrumental. A sessão de Catimbó está se fazendo rara. O comum é uma reunião entre Mestres de Mesa para realizar uma encomenda. Não há interesse de proselitismo e de propaganda ritual. Quanto menor o número, maior o proveito.

Sozinho ou acompanhado, o Mestre canta sempre as linhas. Sem elas, os "mestres dos bons saberes" não comparecem.

Enquanto se canta uma linha ninguém tem o direito de sair da sala. O Mestre do Além irrita-se profundamente com a descortesia. E se vinga.

As linhas só devem ser cantadas em mesa formada, isto é, em sessão aberta. Jamais por espírito de curiosidade, porque um Mestre pode acostar num momento impróprio e desagradável. Um curupiro ficou cantando a linha do Mestre Carlos,

despreocupadamente. Mestre Carlos acostou, inopinadamente, dando-lhe mais de vinte quedas, perto de um cacimbão que estavam cavando.

ORDEM DAS LINHAS

a) *Linha da Abertura da Mesa,* início da sessão no Catimbó.
b) *Linha da Licença,* solicitada aos "mestres invisíveis".
c) *Linha da Chave,* cantada com a chavezinha virgem na mão, manejando-a.
d) *Linha das Velas,* para acender as bugias.
e) *Linha da Nanagiê.*
f) *Linha de Pai Joaquim.*
g) *Linha de Iracema, Rainha de Panema.*
h) *Linha do Mestre Carlos.*
i) *Linha do Mestre Manicoré.*
j) *Linha do Mestre Xaramundi.*
k) *Linha da Mestra Faustina.*
l) *Linha do Pássaro do Pará.*

OS CABOCLOS

Os Caboclos são os nossos índios. Filhos desta ou daquela tribo.

Os Caboclos, de um modo geral, são das tribos tupi e guarani. Entretanto, vejamos as tribos mais importantes que antigamente imperavam no Brasil, e das quais descendem os nossos Caboclos. Vamos dividi-las em grupos característicos:

Tupi (litoral) – Tamoios, Carijós, Tupinambás, Caetés, Goitacases, etc.

Guarani – Canoeiros (também chamados de Carijós); Carajás, Aimorés (eram os Aimorés os chamados Tapuias ou "língua travada").

Aruak – Guaicurus, Araús, Arauás, etc.

De todos eles os mais famosos e comuns em nossos terreiros são os da Nação Tupi, nas suas várias tribos. Será, pois, interessante anotarmos alguns dos seus costumes: na maioria das vezes andam inteiramente nus, usando apenas enfeites de penas, muito variados. Não tatuavam o corpo, mas pintavam-no muito. Apreciavam as deformações corporais.

Já os Tupinambás usavam o tembetá, pedra de cristal de rocha introduzida nos lábios para provocar a deformação tão apreciada. Nem todas as tribos faziam uso do tembetá, usando, entretanto, outras deformações corporais, como o achatamento do nariz e o engrossamento provocado da barriga das

pernas, etc. Usavam ornamentos de penas no nariz, enquanto algumas tribos perfuravam as orelhas e enfeitavam-nas com penas. Os Tupinambás costumavam usar uma espécie de capacete de penas vermelhas. Seus chefes, pajés e guerreiros importantes adornavam-se com um imponente manto de penas que lhes caía até o joelho. Quando o manto era de u na só cor chamavam de açavalá ou iniobá. Quando de variadas cores, sua denominação era boirangaóba.

Os Guaranis também usavam manto, porém, de pele de animais. Como enfeites, portavam colares e braceletes feitos de dentes, de ossos, de nozes, de algodão, de palha, de cabelo, de conchas. Denominavam o colar de dentes, usado como troféu de caça, de ajucará.

Os Guaranis usavam ainda um enfeite especial de caráter mágico, pendurado no pescoço. Constava o amuleto de uma meia-lua feita de conchas ou de ossos reunidos. Algumas tribos usavam o mesmo amuleto, porém a meia-lua era feita de pedra ou metal.

Como armas utilizavam-se de arcos emplumados com penas na base da flecha, presas por fios de algodão. Entre elas destacava-se o tacape, arma de guerra predileta feita de madeira vermelha ou preta. Os escudos eram redondos, de couro de tapir, pintados e adornados de penas. Os machados eram feitos de pedra.

Já as comidas características das tribos tupis eram:

Farinha fina (carimã)
Farinha meio cozida (Uy-tinva)
Farinha bem cozida (Uy-ata)
Tapioca (tipioca)
Beiju (Mbeyú)
Mingau

Peixe ou carne moqueada sobre brasas, peixe assado envolvido em folhas de bananeira. Como frutas, utilizavam-se do ananás, banana, caju, mangaba, genipapo, coco e mamão.

Quanto à religião, os Tupis e de modo geral os Tupinambás, acreditavam que os Pajés obtinham virtudes diretamente dos deuses.

O Pajé, entre os Tupis, como em quase todas as tribos e nações, era o feiticeiro e dirigia a cerimônia do culto religioso as danças, etc. Era também o homem da medicina. Sua função principal era a invocação dos espíritos. Não exercia qualquer atividade de ordem política, função esta específica do Chefe da tribo, o Tachaua ou Morubixaba.

ETNIAS, CACHIMBO, INSTRUMENTO E A CHAVE

Negros, indígenas e europeus fundiram-se no Catimbó. A concepção da magia, processos de encantamento, termos, orações, são da bruxaria ibérica, vinda e transmitida oralmente. A terapêutica vegetal é indígena pela abundância e proximidade, além da tradição médica dos Pajés. O bruxo europeu também já trazia o hábito e encontrou no continente a fartura das raízes, vergônteas, folhas, frutos, cascas, flores e ainda uma ciência secular aborígene na mesma direção e horizonte. A convergência foi imediata.

Com o negro africano houve fenômeno idêntico. Apenas quando arredado do eito da lavoura açucareira, velho, trêmulo e sempre amoroso, assumiu posição mais decisiva como mestre orientador e dono dos segredos. Pelo simples fato de viver muito, existe, espontaneamente, uma sugestão de sabedoria ao redor do macróbio. Quem muito vive, muito sabe. O Diabo não sabe por ser Diabo, mas por ser muito velho. Velhice é sabedoria. O saber, tendo como base experiências acumuladas, mantém-se na memória popular como o melhor e lógico. Doutor novo, experimenta. Doutor velho, trata. O negro escravo, de carapinha mudando de cor, representava um indiscutido prestígio misterioso: *negro quanto pinta, tem três vezes trinta.* O "negro-velho" era assombroso, "faz medo a menino", curador, rastejador, vencendo o veneno da cobra, da faca fria e da bala quente.

Mestra Adélia, empunhando os *Estados* (maracás).

Angolas, Benguelas, Cabindas foram os nossos Pais Pretos, Negro do Congo, Pai Angola, Negro de Luanda, vivos nas estórias populares, anedotários, feitiços. Bantos são os topônimos negros do Rio Grande do Norte, cafuca, cafundó, cafunga, cassangue, catunda, massagana, mocambo, zumbi, buíque, cabugá. Foram amados depressa, subindo na fama coletiva. Deram amas, mucamas, amas-de-leite, mães pretas, xodós dos senhores de engenho, dor de cabeça da Senhora Dona, fidalgas e preferidas.

O Congo ou Angola criava festas, escondendo fetiche dentro da imagem católica, elegia o seu Rei, "muchino riá Congo"; levava o povo branco e mestiço para a rua e adro da igreja nas manhãs da sua coroação, com desfiles, tambores, bandeiras, "fogo do ar", "palma de mão", beijo, joelho em terra, como a um Rei mesmo, dos antigos, no tempo em que vintém era dinheiro grande. Rainha Ginja, Rei Cariongo, nas Congadas, Taieiras, Maracatus policolores, cortejo lindo com a umbela senhorial, vieram marchando, no tempo velho, até nossos dias, impressionantes e poderosos em sua força humilde e misteriosa.

Os mais antigos mestres de Catimbó foram negros e ainda o são, em maioria absoluta, mestiços e mulatos. Do cerimonial das macumbas dos bantos, o Catimbó mantém as linhas, significando a procedência dos encantados, nações, invocação dos antigos negros valorosos. O Pai Joaquim que desceu no Terreiro do Honorato, em Niterói, costuma acostar nos Catimbós natalenses e sei de cor a sua linha, sacudida e alegre. O protocolo é mais democrático e acolhedor no Catimbó pobre e sem exigências de ritualística. O contato psíquico é de menor intensidade. Nunca assisti a possessão em duas pessoas ou mais, como é relativamente comum nas filhas-de-santo, nos cultos jeje-nagô, a mesma defumação propiciatória com arruda e incenso, mas os cantos de licença e encerramento têm maior tonalidade católica, despidos do elemento reiforme, dos instrumentos de percussão cuja sonoridade monótona caracteriza o culto africano no Brasil, difuso e confuso em sua atraente mobilidade plástica.

Um elemento caracteristicamente ameríndio é o uso do

cachimbo, da *marca,* com o tabaco, fumo, provocador do transe.

O indígena empregava o sopro, *peiuuá,* a sucção, *piterapáua,* e a defumação, indicados pelo venerável Anchieta nos princípios da colonização.

No fumo obtinha-se o transe, com inalações profundas. O pajé empregava o cigarrão de entrecasca do tauari com o tabaco da região. Vezes reforçava o inebriamento, aspirando o cheiro do pó do paricá.

Já a fumaça atirada como bênção, esconjuro poderoso, uma *permanente* do Catimbó, articula-se com a liturgia indígena, observada nos séculos XVI e XVII.

No velho tempo havia o maracá redondo, feito sempre de cabaça, com grãos de semente em número ímpar. Jamais aparecia o maracá de folha de flandre. Ainda hoje nos Catimbós a *marca-mestra* é invariavelmente de origem vegetal, vareta com um cabacinho na ponta, como maracá.

O maracá de sementes vegetais não é exclusivo do continente americano, mas já o possuíamos quando do descobrimento. Há iguais no Sudão e na Guiné. Notei haver um ritmo especial anunciador para cada Mestre.

O sincretismo religioso faz convergir objetos e atos católicos para o culto negro, de mistura com reminiscências indígenas. Nos Catimbós são vistos e empregados o Crucifixo; Cristo na posição da crucificação, mas sem a cruz; Santo Antônio; Santa Bárbara, incenso, velas acesas, persignações, orações populares como a magnífica "Magnificat", Ofício de Nossa Senhora, Forças do Credo, Santo Amâncio, Santo Sepulcro, Pedra Cristalina, as invocações rituais a São José para abrir e fechar a *mesa.*

A chave de aço, virgem, de uso em fechadura, é empregadíssima. Encontrei-a entre os descendentes dos iorubanos e sacerdotes de Cuba, que usam-na como mascote nos colares. Também, nos balangandãs baianos a chave aparece. A chave é indispensável para fechar o corpo dos fiéis, fazendo o religioso os gestos de quem está fechando uma porta, no peito do enfermo.

Essa chave, chavinha, facilmente encontrada nas orações-fortes é figuradamente a chave do Sacrário, onde se guarda a

Hóstia, a Santa Partícula. Usa-se qualquer uma, desde que não tenha emprego anterior, porém, o ideal seria a própria, uma legítima chave do Sacrário, um dos amuletos de maior prestígio como afastador de perigos ocultos e forças contrárias. Sua utilidade simbólica é um dos elementos do Catimbó.

ENVULTAMENTO

Uma das "rezas fortes" mais disputadas e caras é a Oração do Sol, destinada a despertar e fixar o amor.

Mulher ou homem que a possuir tem sua felicidade amorosa ao alcance da vontade. É uma oração com cerimonial, uma das raras, exigindo ambiente e preparo para sua efetuação completa.

Duas bonecas de pano são indispensáveis. Uma vestida de homem e outra de mulher. Se a oração destinar-se a casamento, a boneca traja branco, com véu de filó e coroa fingindo flores de laranjeira. Se o amor dispensar ou adiar o casamento legal, qualquer boneca serve. É preciso, também, uma faca virgem, sem uso nem mancha. No meio da reza, diz-se: "Cravo esta faca neste senhor tal como cravaram Jesus Cristo na cruz. *Fulano,* eu te cravo no coração de dor, Ó Sol, Ó Sol, Ó Sol." Ao pronunciar "cravo esta faca", atravessa-se a boneca na altura do coração. Boneca vestida de homem se a rezadeira for mulher e vice-versa. No final da oração, fala-se assim: "Minha estrela bela, pela Hora que no céu nasceste, neste cordão, Fulano, prendo o teu coração com o meu". E amarra as bonecas, uma em cima da outra, com um cordão forte.

Na Oração do Sol, a boneca furada pela faca representa a criatura humana, objeto vivo de amor e de ódio. A primeira deve amar e a segunda morrer. É o processo do envultamento.

As bonecas devem ter qualquer fragmento de roupa pertencente às pessoas por elas representadas simbolicamente.*

Na feitiçaria medieval não há outro mais conhecido e usado no mundo e que tenha documentação com antiguidade maior. O feiticeiro modelava uma boneca de cera, tendo escondido no seu interior restos de vestidos, unhas, cabelos, gotas de sangue, saliva, suor, etc. Tudo quanto se fizesse sobre essa imagem repercutiria sobre o indivíduo representado. Um alfinete furando o braço, a perna, o ombro, determinava dores nessas regiões, na criatura figurada nas mãos do feiticeiro.

Mestre Chico do Jordão disse-me que o envultamento era serviço de mulher. Indicava as feiticeiras, as Mestras, como mais aptas, mais autorizadas ou que ainda se serviam do processo. Não explicou-me o por quê. Realmente, até hoje, os envultamentos que conheço foram feitos por Mestras. Se pensarmos na pompa dos feiticeiros dos séculos XV, XVI, XVII, na França, na Itália, na Alemanha, teremos um ponto de referência para sua desagregação, entre as palhas e a taipa dos Catimbós nordestinos, nas praias e nos bairros paupérrimos.

---

* A *Oração do Sol,* em sua íntegra, no capítulo: AS MAIS FORTES ORAÇÕES.

MESTRES E MESTRAS

São os guias, orixás sem culto, acostando, espontaneamente ou invocados, para servir. Cada um possui fisionomia própria, gestos, vozes, manias, predileções. Desde que acostam, os mais assíduos freqüentadores identificam o Mestre pelos ademanes, trejeitos, posição das mãos, da boca, se ficam sentados ou de pé, passeando ou parados. Todos trabalham preferencialmente à noite, mas os mestres autorizados dizem que não há hora em que um Mestre do Além se recuse ao serviço. Há, porém, um deles que só aparece de dia, havendo sol. É Mestre Ciro, mora numa estrela que, pelo exposto, deve ser Sírius. Esse Mestre trabalha agitando as mãos num raio de sol. É espírito dos bons.

Os mestres do Além, donos de bons saberes, são indígenas, negros, brancos. Uns foram escravos africanos, outros catimbozeiros afamados. Uns não têm história. Outros narram sua vida e se reportam à vida dos outros mestres do Além.

Cada Mestre tem sua linha, um canto, de melodia simples, raramente com acidentes, resumindo a ação sobrenatural e as excelências do poder. Há mestres que não têm linha, como Mestre Antonio Tirano e Malunguinho, ambos ferozes. Essa linha era cantada como uma invocação ao Mestre. Sem canto não há encanto. Todo feitiço é feito musicalmente. A linha é o anúncio e o pregão característico do Mestre.

No Catimbó, como no Candomblé de Caboclo, no Xangô de Caboclo, Macumba de Caboclo, formas com que no Recife, Bahia, Maceió e Rio de Janeiro se conhece o Catimbó, há mestres de várias nações e raças. Todos falam português.

São caboclos indígenas, Xaramundi, Ritango do Pará, Manicoré, Itapuã, Tupã, Mussurana, Pinavaruçu, Tabatinga, Turuatã, Canguruçu, Faustina, Angélica, Iracema. São negros, negros africanos, Pai Joaquim, Tia Luísa.

São mestres brancos, Mestre Carlos, Rei dos Mestres, seu pai, Mestre Inácio de Oliveira, Mestre Roldão de Oliveira, Mestre Luís dos Montes. São mestiços, catimbozeiros célebres, Mestre Manuel Pequeno, da Serra do Buíque, em Pernambuco, Mestre Bom-Florá, Mestre Manuel Cadete, Rei do Vajucá, etc. Há forma misteriosa de mestras sem passado, como as Meninas da Saia Verde. Há mestres cabras, "alvarinhos", como dizem no Nordeste, como Mestre Antônio Tirano ou o hediondo José Pereira, conhecido por Gato Preto, assassino dos pais, da mulher e cinco filhos. Os mestres têm sua especialidade técnica. Mestre Carlos é casamenteiro. Rei Heron trata de feridas e úlceras profundas. Faustina, Balbina, Iracema, são assistentes, parteiras. Pinavaruçu é espírito andejo, viajante, disposto a procurar gente desaparecida e dar notícias. Tabatinga é indispensável nas maldades. Manicoré é um dos mais velhos. Morreu em 1503 porque em 1991 completa 488 anos de desencarnado. É respeitado por todos os mestres como um patriarca, embora haja quem possua maiores forças. Xaramundi, Mestre Bom-Florá, Mestre Roldão de Oliveira são curadores. Bom-Florá gosta de ajudar amores honestos, para casamento "no sagrado". O Príncipe da Jurema, Mestre Pequeno e outros, trabalham nas linhas cruzadas, no Bem e no Mal, "fumaça às direitas e às esquerdas".

O que se sabe, no Catimbó, da história dos mestres, foi contado por eles mesmos. Manicoré, por exemplo, tem dias de conversa indiscreta, narrando segredo dos companheiros do astral, brigas, polêmicas e ciúmes. Esses deuses têm sede, como toda a gente. . .

Não há no Catimbó objetos destinados a recordar os mestres, fetiches que simbolizem esses guias, como nos pejis baianos. Exceto as imagens e quadros de santos do agiológio cató-

lico, nunca avistei uma representação material dos mestres. Soube, entretanto, que uma catimbozeira, a velha Elisa, trouxera do Pará uma imagem da cabocla Jurema, que a Polícia destruiu, no III Distrito, Alecrim (RN).

NANÃGIÊ — Nanãgiá, Nanãbicô, é Nanã Burucu, orixá iorubano, mãe-d'água, orixá da chuva. Seus feitiços são difíceis e arriscados, porque a mesa se faz em cima da água viva, no rio Potengi, até a boca da barra, num bote.

REI HERON — Curador. Grande tratador de feridas. Sua linha é:

Rei, ó Rei, ó meu mestre Heron,
dizei do mundo, ó meu mestre Heron.
Eu venho cantando, eu venho rezando,
do outro mundo, eu venho curando.

PAI JOAQUIM — Velho escravo, divertido, pilheriador e bom. Brinca com os assistentes, gracejando sempre. Sua linha tem o estribilho esquimbamba que julgo corruptela do umbundo "t'chinbanba", feiticeiro, médico.

RITANGO DO PARÁ — É índio. Trabalha na esquerda. Tem poucos fiéis. Sua linha diz:

Sou vaqueiro e sou guerreiro, Ritango do Pará!
Rio Madeira é meu lugar, Ritango do Pará!
Só tem a vida segura, Ritango do Pará!
Quem comigo se pegar, Ritango do Pará!

MESTRE CARLOS — Rei dos Mestres, conhecidíssimo em qualquer sessão de Catimbó. Tem ciúmes, gosta de *cauim*, cheio de virtudes e de pecados como um deus grego. Com in perturbável naturalidade está pronto para o Bem e o Mal. Era um menino de 13 anos, bebedor e jogador, desespero do pai, Mestre Inácio de Oliveira, feiticeiro célebre. Numa ocasião em que seu pai saíra, Mestre Carlos conseguiu abrir a sala onde guardavam os preparos do Catimbó (Estado), apanhou o que pôde e foi abrir uma mesa num tronco de jurema, longe de casa. Não sabendo fechar a sessão, foi arrebatado pelos mes-

tres, morrendo. Três dias depois acharam-lhe o cadáver meio podre. É o mais popular dos mestres. Contam um vasto anedotário de suas façanhas, ótimas e péssimas. Quando se acosta, o médium fica meio estrábico, com os lábios em bico e falando com extraordinária fluência.

MANICORÉ — Pertence à Pajelança amazônica. É o mais antigo dos mestres. Trata de feridas incuráveis. Trabalha também na esquerda, embora não seja uma de suas predileções. Em 1991, teria de desencarnado 488 anos. Por ele sabe-se muito segredo da vida terrena dos mestres. Manicoré, nome de rio amazonense, era, conforme informou Mestre Zinho, inimigo de Agissé, tuxaua seu vizinho. Por isso, Agissé aparece repentinamente na linha de Manicoré.

MESTRE MANUEL CADETE — Rei do Vajucá. É um antigo catimbozeiro. Bebe água defumada com três pancadas da *marca-mestra*. Conheço duas linhas:

Preciso eu de um mestre para me ajudar!
É Manuel Cadete, Rei do Vajucá! (bis)

A outra:

Eu vou embora pra minhas matas,
Eu lá deixei meu juremá.
O Sete-Estrelas foi quem me trouxe,
O Girassol vai me levá.

BOM-FLORÁ — Bom-Floral é a cidade santa do Mestre Florá. Todos brincam, folgam à espera dele. Florá é casamenteiro por excelência, chegando mesmo a casar em sessão. Cruza mãos e pés direitos dos nubentes e derrama em cima de ambos água benta. Depois, une os dois corpos para ligar os corações. Quando estão abraçados, então, Florá abençoa. Estão casados. Sua linha é:

Estão folgando os nossos mestres
Na cidade do Bom Florá,
Aquela cidade santa
Onde seu bem está. . .

XARAMUNDI – Era um tuxaua do Amazonas. Trabalha em tudo. Sua especialidade é de curador, limpador (quando a matéria está suja ele limpa e limpa feitiço também). É feiticeiro, vingador, defensor. Quem primeiro chegar a ele tem a sua defesa. Sua linha diz:

Pelo tronco eu subi e pela rama eu desci,
Pelo som da minha gaita eu fui,
Pelo som da minha gaita eu vim. . .
Sou Mestre Xaramundi! Sou Mestre Xaramundi!
Sou do tronco da Jurema, sou o mestre curador!. . .

ROLDÃO DE OLIVEIRA – É Mestre Curador, antigo catimbozeiro, não esqueceu a arte mesmo no outro mundo:

De longe vem chegando agora o Mestre Roldão de Oliveira,
na cruz, darim, darim, darom. (bis)
Se me dão licença eu entro, se não me dão eu vou embora
desse mundo. . .
Darim, darim, darom! (bis)

MALUNGUINHO – Negro africano, feiticeiro malévolo. Só pratica o mal. Trabalha com a cabeça no chão. Trabalha à meia-noite, com panos pretos. É capaz de tomar mais de uma garrafa de *cauim* de uma vez. Trabalho dele outro espírito não desmancha. É um espírito atrasado, convive em mundos inferiores. Manda enterrar sapos cururus na porta de quem a gente quer infelicitar. Não possui linha conhecida.

JOÃO PINAVARUÇU – É a Pajelança do Pará. Trabalha na direita e na esquerda. Mestre Zinho revelou-me que Pinavaruçu era casado com Mestra Faustina. Espírito que trabalha nas águas, procurando o malefício que foi feito, para desmanchá-lo.

ANTÔNIO TIRANO – É catimbozeiro da esquerda, para o mal. O nome já é um anúncio de suas habilidades. Não tem linha. Quando acosta aparecem cobras na sessão.

MESTRE PEQUENO – Catimbozeiro pernambucano, da Serra do Buíque, morava no Brejo da Madre de Deus, onde

era consultadíssimo. Morreu velho e é atualmente respeitado, especialmente para feitiços. Na sua linha, fala-se nos "encantos da Ondina", afirmam.

CANGURUÇU – É Mestre do mau caminho, da esquerda, fazedor de muambas ruins. É indígena do Amazonas. Tem uma linha inocente, cândida e doce, inteiramente mentirosa.

O Mestre Canguruçu
é um neguinho de bem!
Visita todas as mesas
e não faz mal a ninguém!

FAUSTINA – Antiga catimbozeira, é mestra veneranda. Morreu virgem, dizens uns, ou casada com Pinavaruçu, dizem outros. É parteira. Muito religiosa, católica e ensinadora de orações. É cabocla do Juremá.

ANGÉLICA – Casamenteira. Apartadeira de casais também. Quando uma mulher quer um homem casado se serve dela. Mestra Angélica aparta o homem da esposa e o ajunta com a desejadeira.

CAIPORA – É uma tapuia perereca, espírito pequenininho, do tamanho de um dedo. É do Aripuanã. Quando se acosta, o Mestre da sessão tem raivinhas, se trepa, faz tudo quanto não presta. Gosta de trabalhar despida e com as pernas para cima. Entrou na matéria de uma mocinha que logo ficou nua. É flechadora. Trabalha pulando para todos os lados. Chega a tirar o juízo da pessoa a quem se acosta.

FLOR – Espírito feminino e casamenteiro. Só trabalha com uma flor. Quem desejar um benefício, entrega-lhe uma flor, que ela prepara, benze e a restitui. O dono da flor manda entregá-la à pessoa desejada. Se esta cheirar a flor, está rendida.

IRACEMA – Espírito feminino e muito protetor.

LAURINDA — É protetora das embarcações. Só trabalha e vive no mar. Não é especialista em casamento. Para embarcações que vão ser lançadas ao mar e para viagens, ela é invocada. Querida dos embarcadiços.

MENINAS DA SAIA VERDE — Elas não são três, nem sete, mas incontáveis e moram no fundo do mar, um dos reinos invisíveis. Mestre Zinho revelou-me que eram outrora chamadas de ondinas e não sereias, porque também tinham pés e andavam. Elas se acostavam no catimbozeiro Benedito, na Serra da Raiz, na Paraíba.

ANABÁR — É cabocla feiticeira cheia de segredos que se tornou guia depois de morta. Era mulher indígena. Há no rio Negro a ilha Anabo, de onde talvez proceda o nome.

RAINHA DA JUREMA — Do reino de Juremá. Benfeitora e malfeitora. Especialista em banhos, defumações e em tirar atrasos.

SEREIA DO MAR — Esta Mestra é chamada Ondina e trabalha no fundo do mar. Também auxilia navegantes. Devoto dela está defendido de peixe e qualquer outro perigo no mar. Gosta de trabalhar com azeite. Prediz o futuro, conta o presente e o passado.

MESA DE CATIMBÓ: FUNCIONAMENTO E PREPAROS

Diz-se mesa a uma sessão de Catimbó. Fazer mesa é abrir uma sessão. O trabalho do Mestre não se chama feitiço, nem muamba, coisa-feita ou canjerê. O Mestre que entende de Catimbó diz sempre *fumaça*. O trabalho para o bem, tratamento médico, remédios e conselhos, orientações benéficas, dádivas de amuletos, é a "fumaça às direitas". Trabalho para o mal, vinganças, dificultar negócios, obstar casamento, enfermar alguém, conquista de mulher casada, despertar paixão sem ser para o bom fim, é a "fumaça às esquerdas".

Há os dias recomendáveis, especiais e típicos para cada gênero de fumaça. Para a "fumaça às direitas" são indicadas as segundas, quartas e sextas-feiras. "Fumaça às esquerdas", terças, quintas e sábados. Domingo não é bom dia para fumaça. Pode servir apenas para consulta, conversa, "maneira" de conselhos, receituário de pouca importância. Os mestres do Além têm seu dia de descanso e não é prudente incomodá-los. Os deuses não gostam da insistência. Nas macumbas e candomblés o domingo é o dia de todos os orixás. No Catimbó é descanso dos invisíveis.

O arbítrio do Mestre dirige a disposição e número de objetos necessários às sessões. Alguns são indispensáveis, outros dependem de suas simpatias.

Sobre uma mesa de pinho dispõem-se os preparos. No centro está a *princesa,* bacia de louça branca ou clara, entre duas *bugias* (velas) acesas ao começo da *fumaça.* Dentro da princesa põe-se um pequenino Santo Antônio de madeira. Ao lado da princesa fica a *marca* (cachimbo grande) já sarrento, de cabo comprido.

Certos Mestres mais autorizados ensinam que o cachimbo é o verdadeiro Catimbó e seu segredo. Chamam-no de *marca-mestra,* reservando nome simples de *marca* para uma vareta de madeira que tem na extremidade um cachimbo com caroços secos, espécie de maracá. Outros mestres invertem a denominação. Chama de marca ao cachimbo e marca-mestre ao maracazinho. Os caroços da marca-mestra são sempre em número ímpar. Sem uso em muitos Catimbós do meu conhecimento, a marca-mestra é infalível nos Catimbós como ritmador das cerimônias, anunciando a presença dos mestres reais, alegria, cólera, curiosidade ou malícia, mágoa ou afastamento.

O fumo para o cachimbo, marca ou marca-mestra, não é o comum. Misturam-no com incenso, benjoim, alecrim, plantas aromáticas. Em determinados trabalhos ou fumaças, o Mestre opera com tabaco, tendo composição diversa como mata-passo, jurubeba, casco-de-burro, jurema. A primeira mistura é para a defumação propiciatória no início da *mesa.* Durante os trabalhos pode-se fumar à vontade. Charuto diz-se *mussuí.*

A princesa (bacia de louça) não está colocada diretamente sobre a toalha da mesa e sim pousada numa rodilha de pano não servido, limpo, virgem e são. Diante do Mestre está um crucifixo, à esquerda a chave de aço (virgem) de qualquer uso, limpinha e reluzente, infalível e indispensável para abrir e fechar as sessões e, simbolicamente, o corpo dos consulentes. Recorda, na bruxaria européia, a santa chave do Sacrário, furtada para uso no feitiço. Em cima da mesa estão vários papéis enrolados em canudos. Servem para acender os cigarros ou charutos dos assistentes. Apanha-se um desses canudinhos, faz-se o sinal da cruz com ele, antes de tocar na chama das velas. Com o papel aceso, acende-se o cigarrão ou charuto barato. Não se toca nas chamas das bugias antes do sinal da cruz.

O Mestre só fuma o seu cachimbo às avessas, pondo a boca no fornilho e soprando a fumaça pelo canudo. Entre os mestiços pancararus, do Brejo dos Padres, em Tacaratu, Pernambuco, assisti à festa secreta do Ajucá, preparação da Jurema para ser religiosamente bebida. O velho Serafim, que dirigia a cerimônia, repetiu o ritual catimbozeiro de que seria origem sua raça. Acendeu um cachimbo tubular, feito da raiz de jurema e, colocando-o em sentido diverso, isto é, botando na boca a parte em que se põe o fumo, soprou-o de encontro ao líquido que estava na vasilha, nele fazendo com a fumaça uma figura em forma de cruz e um ponto em cada um dos ângulos formados pelos braços da figura.

Quando o Mestre diz "abre-te" ou "fecha-te", tem a chave na mão e faz os respectivos movimentos: abre-se, para a direita, fecha-se, para a esquerda. Encerra-se a sessão cantando as mesmas cantigas, substituindo-se o "abre-te" pelo "fecha-te". Apagam-se as duas velas e reza-se uma oração a Jesus Cristo Nosso Senhor, agradecendo os favores recebidos através dos bons espíritos dos mestres curadores. É uma oração de manual espírita.

Durante os trabalhos não se fala. Fuma-se e bebe-se muito. Bebe-se aguardente que tem o nome indígena de cauim. O cauim ajuda os mestres. Não há Mestre abstêmio. O próprio Mestre do Além incorporado ao Mestre material ou noutro fiel, bebe. Pede o cauim e lhe dão a garrafa e não a *cuité.* Ele emboca a garrafa mas não ingere o líquido. Bebe o "espírito", a "sustança" do líquido. Devolvida a garrafa, ainda chéia, o cauim está fraco, sem as forças que o Mestre absorveu.

A sessão dura às vezes horas e horas. Na ordem tradicional não deve ultrapassar a meia-noite, mas, com o poder de certos mestres, há licença do Além e a mesa se prolonga entre a fumaçaria dos cigarros e o giro do cauim.

Fumaça "às esquerdas" e o preparo ritual da mistura a ser usada na *marca* (cachimbo).

O TRANSE NO CATIMBÓ

No Catimbó não se diz que um Mestre do Além se materializou ou se incorporou. Diz-se, sim, "acostou" e "desacostou".

Outrora, somente o Mestre, o Mestre da Mesa, tinha a honra de ficar atuado, servindo seu copo para a comunicação com um Mestre do Além, invisível e sabedor. Só o Mestre cantava, falava, receitava e dirigia.

Hoje, os Mestres do Além democratizaram-se, acostam em muita gente, mas são sempre orientados, perguntados pelo Mestre da Mesa. As receitas medicamentosas são exclusivas do Mestre curador e este só age por intermédio do Mestre da mesa. Um Mestre do Além conversa, pilheria ou ameaça, através de uma devota.

A vinda do Mestre do Além é a manifestação do espírito nas sessões espíritas. Não existe a espetaculosidade sugestiva da "caída no santo" dos terreiros de Candomblé. Vezes apenas a mudança do timbre de voz denuncia que um invisível acostou, e quer comunicar-se, aproveitando o estado de receptibilidade de um assistente. Pela fisionomia do Mestre da Mesa esses acostamentos não são muito agradáveis. Um Mestre do Além pode estar possuído pela mania de ser engraçado e ninguém achar graça no seu palavreado. Também, por mera coincidência, certos recalques pessoais são sublimados duran-

te essas atuações hiperterrenas. E o alvejado pelos desaforos não pode reagir porque não se trata de "criatura de sangue", mas de um ser poderoso do Além, com as "forças".

No Mestre da Mesa o transe é sempre provocado pelas profundas inalações do fumo ou respiração forte, cadenciada, olhos fechados. Não há, como no ritual dos candomblés jejeiorubanos da Bahia, o privilégio das iaôs (filhas-de-santo), receptoras dos orixás. Com a influência banto, o Catimbó é menos exigente, possibilitando a possessão do acostamento em qualquer pessoa iniciada, isto é, crédula freqüentadora ou não. Vezes há em que um consulente é acostado e vira médium.

Nunca assisti no Catimbó, manifestações de acostamento com a dramaticidade dos candomblés, xangôs e macumbas.

Sucede, naturalmente, que há mestres ferozes, sem piedade para o aparelho que os hospeda, e dão para pular, berrar, tremendo em coréias sem fim, agredindo os assistentes com obscenidades ou caindo espetacularmente ao solo, com espuma na boca, membros crispados, gargarejando ameaças. Aí intervém o Mestre da Mesa com sua ciência para desacostar o deseducado, indo desde a persuasão doutrinária até a ordem imperiosa, fundada no prestígio que possuirá de um outro mestre mais poderoso do Além.

Vezes, o acostamento subitâneo de um Mestre, leva o Mestre da Mesa a situações perigosas. Como não há, na espécie, ninguém com mais força que ele próprio, a luta se dará intimamente, entre a violência dos esconjuros e orações fulminantes, mas a assistência vê apenas uma tempestade de movimentos e uma verdadeira explosão sonora de palavras pronunciadas com alucinante velocidade.

A atenção fatigada, sugestão oral, saturamento pela sedução ambiental, estado personalíssimo de morbidez, predisposição, explodem, numa soma de fatores impoderáveis, no fenômeno da possessão.

O Mestre da Mesa, popularmente chamado catimbozeiro, desperta espontaneamente, porque ninguém possui a ciência para desacostá-lo. Noutros fiéis que estão acostados, o Mestre despede o espírito batendo-lhe com a mão espalmada na testa, dizendo alto: "Trunfei! Trunfá! Trunfá Réa"!

O ambiente em penumbra, a assistência silenciosa e crédula, o aspecto do Mestre, hirto e solene, com a *marca* evocadora, o canto das linhas, algumas de penetrante melodia embriagadora, as doses repetidas de cauim, terminam resultando num estado de apatia, de prostração, de curiosidade assombrada, de pavor inconsciente. A personalidade se dissipa vagarosamente no contato coletivo e terminamos sendo apenas mais um elemento de repercussão nervosa, um transformador psíquico para as altas tensões do mistério natural e da simulação espontânea do Catimbó.

FECHAMENTO DO CORPO

O "fechamento de corpo" era antigamente uma das razões supremas do Catimbó. Havia, nas macumbas cariocas e candomblés baianos, a venda de amuletos capazes de tornar o portador invulnerável. Perdido o amuleto, sucumbia o homem. No Catimbó há o processo da imunização de todo o corpo, fazendo-o impenetrável às balas quentes e às facas frias, águas mortas e vivas, fogo, dentada peçonhenta, praga e malefício. Os catimbozeiros modernos que consultei são mais modestos. Já não crêem que haja possibilidade de uma oração ou cerimônia evitar bala, faca, água corrente e força do mar. Tudo isto se deve ao pecado, isto é, a não mais haver um mestre que siga fielmente seus deveres como outrora. Os Mestres do Além não diminuíram o poder. Aqui na Terra é que poucos restaram que são capazes de receber os "bons sabedores", na velha plenitude de sua eficácia. Um conto popular do negros *Torodos* evocava essa impenetrabilidade do corpo humano defendido por um "gris-gris" poderoso.

A cerimônia de "fechar o corpo" é intuitiva e simples, baseada nas simpatias da repetição irresistível. O cliente paga o "calço da sessão", a quantia estipulada para o "fechamento". Isola-se a sala, acende-se a velaria, o Mestre abre a sessão. Depois da defumação e goladas de cauim, o Mestre sopra água e a despeja numa bacia nova, de flandre. O candidato se descalça, entra na bacia, equilibrando-se com o pé direito sobre o esquerdo. Tal posição, de um pé em cima do outro durante a oração, merecia confiança absoluta de quem possuía rezas fortes, doadoras de invulnerabilidade. Era um elemento do bruxedo europeu e fora registrado nos clássicos do continente ibérico. Com um pé em cima do outro, dentro da bacia que tem água soprada pelo Mestre — como em obediência a um rito da Pajelança, onde o sopro, "peiuuá", é a essência, a materialização da força espiritual do pajé — o candidato reza o "Creio em Deus Pai", até a passagem "morto e sepultado", substituindo-se pela frase "guardado e fechado seja o meu corpo para todos os meus inimigos, encarnados e desencarnados". O Mestre, apanhando a chavezinha de aço, aproxima-se dizendo num recitório semicantado:

Fecha-te órgão, pelo Vajucá,
Pra todos os males que no Mundo há!
Fecha-te corpo, guarda-te irmão,
Na santa cova de Salomão.

E faz o gesto de fechar, com a chave, todas as articulações, começando pelo pé direito, junta por junta, dizendo a cada operação o mesmo versinho. Findando o serviço, entrega ao cliente uma garrafinha contendo um pouco da água que estava na bacia. Deverá ir jogá-la no mar, à meia-noite. O Mestre, de outra parte, fará o mesmo. Nessa noite, o candidato beberá cauim legítimo, com raiz de jurema.

Chamo a atenção para dois outros elementos da magia tradicional. No versinho que o Mestre vai cantando, enquanto fecha o corpo, há a "santa cova do rei Salomão", como lugar privilegiado e de suprema garantia para a defesa do corpo humano. A "santa cova de Salomão" traduzir-se-á pelo laboratório secreto da magia, sede dos estudos secretos.

A EFICÁCIA DA FLORA MEDICINAL

Não poderíamos deixar de introduzir nesta obra o importante e comprovado papel da Flora Medicinal do Catimbó. É parte permanente citada nos receituários verbais.

O fabricante e vendedor de garrafadas não é o Mestre da Mesa, o homem do Catimbó. Comumente aconselha e, nem sempre vende as raízes, folhas, sementes, raspas julgadas raras. O natural é dizer o que serve para os males do consulente. Quase todos esses remédios são encontrados nos mercados públicos.

ABACATE – *Laurus persa,* diurético, desobstruinte dos rins (chá das folhas) e dado como estimulante sexual (a fruta), sucedâneo da catuaba.
AGRIÃO – *Nastrutium officinalis,* tosses, fortificante dos brônquios e pulmões, carminativo. A fama já viera da Europa.
ALECRIM – *Rosmarinum officinalis,* vulnerário para banhos, chá para rouquidão, tosse, sufocação. Tem virtudes maiores quando retirado do andor de Nosso Senhor dos Passos, na sexta-feira Santa, quando da procissão do Encontro. O alecrim é muito popular na bruxaria portuguesa.
ALFAZEMA – *Lavandula vera,* aromático, sedativo, chá para cólicas intestinais. Misturada com o tabaco faz passar a dor de dente. Perfuma a água do primeiro banho infantil, incluindo-

lhe o poder antimaléfico. Logo depois do parto, queimam alfazema e o cheiro anuncia "menino novo" para a vizinhança.
ALHO – *Allium sativum,* diaforético, tosses, influenza, dor de dentes. Friccionado nos pulsos, têmporas e peito, dado a respirar, vale o éter etílico nas vertigens. Afugentador prodigioso de bruxas, olho-mau, malefícios por toda a Europa. Amarrado nos mastros dissipa as tempestades que são formadas pelos demônios. Trincar alho em jejum livra do mau-olhado. A fumigação do alho livra o tapuio que se apaixonou pela mãe-d'água, de suicidar-se, precipitando-se ao rio para encontrá-la. Um alho machucado afugenta o Boto amoroso que persegue a moça. Todos os animais, principalmente a cobra, e seres fabulosos, temem o alho e fogem dele.
ANGÉLICA – *Guettarda angelica,* emenagogo; febrífugo, contra as dispepsias e moléstias uterinas. Considerada abortiva quando tomada em infusão repetidas vezes. Nome de uma mestra do Catimbó.
ANGICO – *Acácia anjico,* antiespasmódico, peitoral, antiblenorrágico. Xarope, é um dos antigos remédios mais populares.
ARROZ – *Oriza sativa,* moléstias do intestino.
ARRUDA – *Ruta graveolens,* fortificante dos nervos e sudorífico, aperitivo, tomada em doses elevadas é tóxica. Usam-na também como emenagogo e para provocar aborto. As sementes são inseticidas e anti-helmínticas, amuleto tradicional contra o mau-olhado. Basta usá-la e tê-la em casa para distanciar os maus elementos, empregada em banhos de cheiro para lavar o corpo das infelicidades, urucubacas, pesos, malefícios, atrasos.
BARBATIMÃO – *Stryphnodendron barbatimão,* adstringente, capaz de favorecer a simulação da virgindade, hemostático, antigonocócico, dado nas leucorréias, hemorragias uterinas. Gargarejado nas feridas da boca. Da casca, lançam mão as mulheres impudicas, para o preparo de banho com que lavam os órgãos genitais. Pelo poder elevado da casca, estes banhos fazem contrair-se os lábios vaginais.
BATATA-DE-PURGA – *Piptostegia pisonis,* purgativo. No receituário catimbozeiro a doutrina dos humores é rainha. As moléstias são desequilíbrios, abundância desses humores.

Para limpar internamente o corpo, livrá-lo da carga, eliminando as sobras, a purga é soberana, insubstituível.
BATATINHA — *Morea aphylla,* purgativa, anti-reumática e dada como preparativo dos tratamentos prolongados.
CABACINHO — *Monordica bucha,* purgativo de efeito moderado mas infalível. No Sul, chamam-no bucha, buchina, esfregão, "Luffa" dos árabes. Conhecida e usada na Europa, Ásia e África. Confundem-na com a buchinha-do-norte, buchinha dos paulistas, purga-de-pai-João.
CABEÇA-DE-NEGRO — *Guarea multipla,* purgativo, depurativo, anti-sifilítico.
CATINGUEIRA — *Cesalpina bracteosa,* pulmões e brônquios.
CATUABA — *Anemopaegma mirandum,* estimulante, afrodisíaco de larga fama.
CIDREIRA — *Melissa officinallis,* sedativo, calmante, corretivo intestinal. Diz-se comumente erva-cidreira. O chá é antigo e prestigioso elemento da medicina caseira.
CAMARÚ — *Torresta cearensia,* expectorante, anti-espasmódico.
DENDÊ — *Elais guinéensis.* O óleo é indispensável nos candomblés e nas macumbas. Nos antigos cantimbós, servia para ungir as mãos e pés do candidato ao "fechamento do corpo". Está sem uso maior nos catimbós atuais. Empregam-no, às vezes, em fricções contra acessos reumáticos.
FEDEGOSO — *Tiriaridium alongatum,* antiespasmódico, usado nos banhos aromáticos, anti-helmíntico, febrífugo, emenagogo, abortivo.
FUMO — *Nicotina tabacum,* vulnerário, excitante, hemostático.
HORTELÃ — *Mentha viridis,* carminativa, antiespasmódica.
IPECACUANHA — *Cephalis ipecacuanha,* vermífugo, vomitivo, expectorante.
JALAPA — *Ipomae megapotamia,* purgativo enérgico. Um dos mais fortes no receituário do Catimbó. Para o uso da jalapa, todas as precauções são poucas. Confundem-na com a batata-de-purga. Há muitos tipos de jalapa.
JUCÁ — *Caesalpina ferrea,* hemostático, contra tosses rebeldes e traumatismos. Medicina simpática. Os melhores cacetes são feitos do miolo do jucá.

JUREMA — *Mimosa nigra,* a jurema preta, e *Acácia jurema,* a branca. Usadas as raízes, cascas, sementes, receitadíssimas para todos os males. Planta amuleto, a mais poderosa e cheia de tradições do "encantamento" indígena. Não há feiticeiro sem arruda e nem Catimbó sem jurema. Uma lasquinha embebida em aguardente e benzida pelo mestre é preciosa como protetora. No Catimbó, empregam-na misturada na cachaça. Comparando a cerimônica do Ajucá com o Catimbó, fica claro que neste há forte sobrevivência indígena na conservação do cerimonial quase idêntico. O segredo da jurema é um sinônimo do Catimbó. A fabricação do licor verde e amargo dado aos guerreiros não se transmitiu aos brancos.
JURUBEBA — *Solanum paniculatum,* para as moléstias do fígado e baço, desobstruinte. As frutas extremamente amargas, devem ser mascadas, com a insistência de um chicle, durante meses e meses. Não há doença do fígado que resista à jurubeba. Usam a decocção, bebendo-a como água.
MACELA — *Anacyalos aures,* da branca, contra febres, vermes, gripes.
MALVA — *Malva sylvestre,* sedativo como emplastro e cozimento.
MAMÃO — *Carica papaya,* chá das folhas contra embaraços gastrintestinais, enxaqueca, empachamento.
MANACÁ — *Brunfelsia hopeana,* depurativo.
MANJERICÃO — *Ocinum minimum,* estimulante, para banhos, aromático.
MANJERONA — *Origanum majorana,* vulnerário, estimulante, para banhos.
MASTRUZ — *Chenopodium ambrosioides,* vomitivo, vermífugo, banhos.
MATA-PASTO — *Cassia sericea,* diurético, contra tosses renitentes, coqueluche. Fazem um lambedor (xarope), muito aplicado nestes casos.
MELÃO-DE-SÃO CAETANO — *Monórdica charantia,* hemostático, desinflamatório.
MUCUNÃ — *Mucuna urens,* males das vias urinárias. A semente é usada como amuleto contra mau-olhado, enfeitando o colar das crianças pobres.
MULUNGU — *Erutrina Corrallodendron,* peitoral, calmante,

emoliente. O chá de mulungu é remédio infalível para as crises nervosas agudas.
PEGA-PINTO – *Boerhavia hirsuta*, diurético, antiblenorrágico. Erva-tostão, no Sul, e também Tangaraca. É bebida popular como refresco gelado no Ceará e Rio Grande do Norte.
PINHÃO – *Jatropha curcas*, grande purgativo. Hemético enérgico. O pinhão é o terror do catimbozeiro. Surra dada com galho de pinhão mata todas as forças do feiticeiro, tornando-o fraco e desarmado por algum tempo. Perguntando eu, por um mestre, residente no Carrasco, além do baixo Alecrim, em Natal, soube que o homem "perdera as forças" para qualquer trabalho durante meses, "proveniente de uma surra que deram nele com pinhão".
QUEBRA-PEDRA – *Phyllanthus corcovadensis*, diurético, dissolvente de cálculos renais. Nasce por toda parte e é o primeiro remédio aconselhado "para urinas" e "desimpedir os rins".
SABUGUEIRO – *Sambucos australis*, febrífugo. Chá da flor e da entrecasca, quando a febre é teimosa.
SALSA – *Apium petroselium*, emenagogo, sedativo, antisifilítico.
TARUMÃ – *Vitex taruma*, anti-reumático, banhos.
VASSOURINHA – *Scoparia dulcis*, bechico, emoliente. Molhados os raminhos em cachaça com jurema, varrido o chão, afasta o "mau-olhado e as forças contrárias". Desta forma eram varridas as vizinhanças da casa do catimbozeiro em certos dias do ano.
VELAME – *Croton campestris*, purgativo, catártico.

Os Mestres do Catimbó, ao contrário dos médiuns espíritas, não receitam remédios homeopáticos. Preferem a ciência do pajé, recorrendo às sementes, cascas e raízes, folhas, raminhos, flores, preparadas por eles ou indicadas mediante conselhos para o preparo do cozimento, defumação, lambedor (xarope), chá, emplastro, fricção, banho, fumigação, etc.

REMÉDIOS TRADICIONAIS

O mais famoso deles todos é o das Sete Massas.

Constitui-se em segredo ciumento dos catimbozeiros, custando dinheiro o seu preparo. Ninguém, ou raríssima pessoa, sabe de sua fabricação.

Pelo Nordeste, os casos de curas com o seu emprego, foram e são apontados. Curam-se feridas, "reima do corpo", conseqüência da "Doença do Mundo" (blenorragia), sífilis. Abaixo segue a receita, a mim repassada por meu falecido irmão, o Mestre Chico do Jordão, há mais de cinqüenta anos. Ei-la:

SETE MASSAS – 100 gramas de salsa em raiz; 100 gramas de carimã; 100 gramas de arroz branco; 100 gramas de açúcar branco; duas oitavas de sena; uma oitava de cristal mineral (nitrato de potássio ou azototato de prata) e meia oitava de mercúrio doce (cloreto mercurioso). Isto feito, rala-se separadamente cada substância, passando-a num pano fino. Depois, mistura-se tudo, revolvendo-se para que a mistura torne-se completa. Tomam-se duas colheres de sopa por dia, pela manhã, com mel de açúcar. Depois de ingerido o remédio, o doente lava a boca imediatamente e vai para o banho frio. Havendo reação forte, febre, suspende o banho. Não comerá ele peixe, pinhas (atas) e nem tomará leite.

FUMIGAÇÕES – DEFUMAÇÕES – Não são aconselhadas como remédios, mas sim, como defesa contra ao mau-olhado, feitiço, forças contrárias, inimigos fortes, etc. A fumigação individual e a defumação da residência são processos da bruxaria universal. Usam-se as mesmas ervas do banho: alecrim, manjericão, cravo seco, calipe (eucalipto), incenso. Raramente o mestre é o defumador. Ele pessoalmente ir defumar é uma honra ou prestígio. As plantas, folhas, raízes, tornadas fumaças, afastam as "forças contrárias" que agem no ar. Todos os antigos deuses gregos e romanos, o onipotente Jeová, assim recebiam os sacrifícios: aspirando a carne e a gordura do holocaustos. *Odorastuque est Dominus odorem suavitatis,* cheirou o Senhor um suave cheiro, diz a máxima latina.

UNGÜENTOS E OUTROS PROCEDIMENTOS – Um dos processos tradicionais no Catimbó é a fricção aromática ou o cauim, aguardente com jurema, soprado pelo Mestre. Não me foi dado conhecer sobre o nome especial. Comumente, depois da confissão de atraso, dificuldades, impressão de que alguém está atrapalhando a vida do consulente, Mestre Chico do Jordão concentrava-se e declarava que o inimigo ia ser combatido e o amigo defendido inteiramente. Com orações surdas ou pouco críveis que fossem pronunciadas, o Mestre ia esfregando com cachaça e raspas de jurema as "partes fracas", as "entradas" do cliente: jarretes, curvas das pernas e braços, pulso, testa, pescoço, os olhos sobre as pálpebras, narinas, boca, orelha e outras defesas simbólicas.

Para as pálpebras e cílios há o "ungüento mágico", que se passa, evitando a penetração adversa. Pode-se explicar ao não iniciado que o líquido se destina a aformosear os olhos das mulheres ou dos homens. O real, entretanto, é a estratégia manhosa do enfeite, ocultando as armas da reação legítima.

Justifica a teoria a pequena venda de pedacinhos de Jurema benzidos, caroços de frutas irreconhecíveis pelo "preparo" que os mestres fazem para os clientes com a finalidade de amuletos passageiros, usados por algum tempo ao pescoço, pulsos ou curva do joelho, além de fricções imediatas e locais.

Nenhum Mestre do Catimbó que se tenha em conta de "sabente" permite que uma gota do seu sangue ou o seu escarro

fiquem a descoberto. Onde quer que caiam, são recobertos cuidadosamente com areia ou espalhados com o pé ou fricção de papel de jornal. Alguns cospem em pedaços de papel, enrolando-os e guardando-os para destruí-los quando voltam para casa. O temor é deixar parte tão ativa da própria substância vital ao alcance do "trabalho" inimigo, entregando elementos preciosos e decisivos para que um rival inutilize sua obra e sua vida.

AS MAIS FORTES E CONHECIDAS ORAÇÕES

Não há Catimbó sem Oração Forte. Não há conselho do Mestre, mas há a força da tradição. Há quem ensine, recomende. O Catimbó não é a fonte do uso, mas uma das fontes.

Suas orações são, todas, em percentagem decisiva, de influência católica. Apenas os negros muçulmanos, haussás, tapas e mandingas usavam, com fidelidade, as orações escritas em árabe ou em algum dialeto africano, mas utilizando o alfabeto árabe. Levavam a tábua onde a oração fora escrita e bebiam a água da lavagem, aplicando a rogativa de modo direto e mecânico. Iorubanos, jejes e bantos crêem mais nos "gris-gris", amuletos sólidos, pedrinhas, chifres, dentes, raízes. Os negros muçulmanos não tiveram influência sensível na cultura brasileira e bem discutivelmente entre os companheiros de cor e cidade. Eram retraídos, ensimesmados, nomeados por eles mesmos, superiores aos outros negros. A oração bebida não fez proselitismo e nem deixou rastro visível na cultura negra do Brasil.

Conheço algumas orações que velhos escravos usaram amarradas ao pescoço, mas todas são católicas.

Na cidade de Natal, pude coletar uma apreciável quantidade de orações fortes, em ações tópicas, dentro dos Catimbós ali existentes, e por intermédio de amizades que conquistei.

De uns quarenta anos passados, o que se observava nos "estados", salas reservadas para as mesas do Catimbó, era encontrar-se muitos livros sobre Espiritismo e ciências ocultas, edições de O Pensamento, folhetos do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento. Dois livrinhos, entretanto, eram fatalmente vistos, sujos e amarelecidos pelo manuseio diário, em meio aos cachimbos, cuias de cauim, rolos de fumo, bugias e princesas de louça: livro de preces espíritas e como se organizam as sessões espíritas. Num Candomblé ou Macumba, tais livrinhos não seriam observados. No Catimbó, eles denunciam a proximidade das práticas espíritas.

O documento mais expressivo, no entanto, é o caderno manuscrito, com letra incrível, desafiando tenacidades desocupadas. O caderno se constitui em documento ciumento dos catimbozeiros, melhor, daqueles que tiveram acesso à alfabetização e à leitura.

No Catimbó sertanejo, por exemplo, simples presença de rezadeira com alguma reminiscência terapêutica de origem indígena e portuguesa, sente-se apenas a presença de um vago espiritismo, porque a mulher é orientada por um santo ou por um espírito de luz. As orações são mais respeitosas. Há mesmo feiticeira que não faz feitiço, isto é, não prepara o "trabalho". Limita-se tão-somente a rezar. A reza pode tudo, afirmam. Um amigo informante dizia-me que em São José do Mipibu havia uma feiticeira "carregada" (poderosa), e que só "trabalhava" na reza.

Muitas dessas orações que obtive nos Catimbós e confiscadas pela polícia da época, são velhíssimas e espalhadas por todo o Nordeste e certamente pelo Brasil inteiro. Sertanejos e sertanejas manejavam-nas de cor, dispensando-lhes inteira confiança.

Um esconjuro por mim ouvido constantemente no sertão, era: "vai-te por mar coalhado".

Eis algumas dessas orações fortes:

1 – ORAÇÃO DA CABRA PRETA

Tem uma cabra preta comendo no campo verde. Dela mando tirar o leite e faço três pães. Mando um para o Satanás, outro para Caifás e outro para o Cão-Coxo que não me fica

atrás. Santa Justina em campo verde andasse, a Cabra Preta encontrasse, do leite três pães tirasse e mandasse para Ferrabrás, Satanás e o Cão Coxo que não fica atrás. Minha Santa Justina, vós como tão poderosa, o Cão quero que mande comigo para falar, que me dê (dizer a pretensão) e nada venha perturbar e se tiver de ser três coisas, quero ver o galo cantar, cachorro ladrar e gato miar neste momento. Valei-me as Sete Cabras Pretas e os seis milheiros de Diabos, valei-me os Três Reis do Oriente, valei-me as Três Almas, os Três Sinos Salomão, pois quero que o Diabo Coxo venha falar à Santa Justina, que há de mandar já, já e já. Amém!

2 – ORAÇÃO DO SONHO DE SANTA HELENA

Minha Santa Helena, não foi a senhora que recebeu os três cravos de Jesus Cristo e um botou nas ondas do mar, outro deu ao seu filho Constantino e o último deixou para dormir a sonhar? Pois eu quero que a senhora me empreste ele para que eu tenha (diz-se o que se deseja), e me dê a resposta no sonho. Se tiver de suceder o que quero, eu sonhe com águas claras, campos verdes, casas brancas, e se não tiver de acontecer, sonhe com águas turvas, campos secos e casas pretas. Pai Nosso, Ave Maria e Salve Rainha até "me mostrai". (Depois de rezar esta oração não se fala mais até depois do sonho.)

3 – ORAÇÃO DA PEDRA CRISTALINA

Minha Pedra Cristalina que no mar foste achada, entre o Cálix bento e a Hóstia consagrada. Treme a Terra, mas não treme Nosso Senhor Jesus Cristo no altar. Assim tremam os corações dos meus inimigos quando olharem para mim. Eu te benzo em cruz e não tu a mim, entre o Sol, a Lua e as Estrelas e as três pessoas da Santíssima Trindade. Meu Deus, na travessia avistei meus inimigos. Meu Deus! Eles não me ofenderão, pois eis o que faço com eles: com o manto da Virgem sou coberto e com o sangue do Meu Senhor Jesus Cristo sou valido. Tem vontade de me atirar, porém não atirarás e se atirar, água pelo cano da tua arma correrá. Se tiver vontade de furar, a faca da mão cairá. Se me amarrar, os nós se desatarão. Se me acorrentar, as correntes se quebrarão para me deixar caminhar, livre, sem ser visto por entre os meus inimigos, como passou Nosso Senhor Jesus Cristo no dia venturoso e santo da sua Ressurreição, por entre os guardas do sepulcro. Oferecimento: Salvo fui, salvo sou, salvo serei. Com a chave do Sacrário eu me fecharei. (Três Pai Nosso, três Ave Marias e três Glória ao Pai.)

4 – ORAÇÃO DO RIO JORDÃO

Estavam no Rio Jordão. Chegou o Senhor São João. Levanta-te, Senhor! Nossos inimigos estão chegando. Deixe-os vir, João! Porque todos vêm atados de pés e mãos, almas e corações. Com dois eu te vejo, com três eu te ato. O sangue eu te bebo, coração eu te parto. Vocês todos hão de ficar humildes e mansos como a sola dos meus sapatos. (Diz três vezes esta frase batendo com o pé direito.) Deus quer, Deus pode, Deus acaba tudo quanto Deus e eu quisermos. (Salve Rainha.)

5 – A FORÇA DO CREDO

Salvo eu saio e salvo eu entro. Salve o Senhor São João Batista, lá no rio Jordão. Na Barca de Noé entrei e com a chave do Sacrário eu me tranquei. Com os doze Apóstolos e Jesus me encomendo. Com a força do Credo é que eu me benzo. Amém, Jesus!

6 – ORAÇÃO DAS ESTRELAS

Valei-me a Oração das Estrelas que são nove. Juntem-se as nove estrelas e vão dar nove abalos no coração de (*Fulano*). Se ele estiver bebendo, não beberá. Se estiver comendo, não comerá. Se estiver conversando não conversará. Se estiver dormindo não dormirá, enquanto não vier falar comigo. Valei-me a Oração das Estrelas. Se a Oração das Estrelas não me valer, valei-me as sete camisas do Menino Jesus. Se as sete camisas não me valerem, valei-me a Hóstia consagrada. Se a Hóstia não me valer, tu correrás atrás de mim como São Marcos correu ao pé da Igreja pela mulher de Caim. Deus acaba tudo quanto quer e eu acabarei com tudo quanto quiser, com todos os pensamentos que tiveres com outros. Só poderás olhar para mim. Pai Nosso, Ave Maria, Glória ao Pai. (Oferecendo-se à Nossa Senhora do Desterro e da Conceição.)

7 – ORAÇÃO DO MEIO-DIA

Deus te salve Hora do Meio-Dia, em que o Senhor seguiu. Se encontrares (*Fulano*), dai-lhe três solavancos no coração, assim como Jesus Cristo deu no ventre da Virgem Maria. *Fulano,* com dois olhos te vejo, com três cravos encravados no teu coração, com três Hóstias consagradas, com três meninos pagãos e três cálices da Missa consagrados. São Marcos, fazei-me o vosso milagre. Vos peço, prendais o coração de *Fulano* nas minhas vontades. Que *Fulano* chegue para mim como as ervas do campo se chegam ao pé da Cruz, manso como um cordeiro. Tudo que tiver me dará. Que *Fulano* não possa estar e nem ver mais ninguém; que tudo que tiver me dará, que souber me dirá, nada me há de negar. *Fulano,* andarás chorando atrás de mim como as almas andam atrás da luz de Deus. Amém!

8 – O CREDO ÀS AVESSAS

Creio em Deus Pai, todo-poderoso, criador do Céu e da Terra. Não creio em Deus Pai, nem é poderoso, nem criou o Céu e a Terra. Creio em Jesus Cristo, um só seu filho. Não creio em Jesus um só seu filho, o qual foi concebido por obra e graça do Espírito Santo, que não foi concebido nem por obra, nem por graça do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem, não nasceu de Maria Virgem; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, não padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado, não foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao inferno, não desceu ao inferno; subiu aos Céus, não subiu aos Céus; está sentado à mão direita de Deus Pai, todo poderoso, nem está sentado à mão direita de Deus Pai, que não é todo poderoso; de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos, de onde não há de vir nem julgará os vivos nem os mortos. Creio no Espírito Santo, não creio no Espírito Santo; Creio na Santa Igreja Católica, não creio na Santa Igreja Católica; Creio na Comunhão dos Santos, não creio na Comunhão dos Santos; creio na remissão dos pecados, não creio na remissão dos pecados; creio na vida eterna, não creio na vida eterna.

9 – ORAÇÃO DAS ALMAS

Ó Almas! Ó Almas! Ó Almas que morreram aflitas, alucinadas, e as três queimadas, e as três enforcadas, e as três de mal de amor, e as três afogadas, e as três degoladas, se juntem todas três, e todas seis, e todas nove, e todas doze e todas quinze e vão (aqui se pede o que se deseja). Na carreira, minhas Almas, na carreira, minhas Almas, na carreira, minhas Almas! Minhas Almas! Minhas Almas! Minhas Almas! (Rezar três Pai Nossos, três Ave Marias e três Salve Rainhas.)

10 – ORAÇÃO DOS SETE CABOCLOS

Creio em Deus todo poderoso, Não há quem possa mais que Deus. Debaixo da obediência das três pessoas da Santíssima Trindade eu peço licença para comunicar-me com os espíritos dos Sete Caboclos e das Sete Caboclas, curadores e curadoras. Ó almas santas benditas dos caboclos e das caboclas, vós fostes como eu e eu serei como vós. Ó almas, entrai pelo meu coração adentro, guardai meu corpo e minh'alma dos malfeitores e dos malefícios, olhos maus, azar e contrariedades que houver contra mim em minha casa e nos meus negócios. Ó almas dos Sete Caboclos e das Sete Caboclas, empatai todos os embaraços na minha vida e nos meus negócios. (Pai Nosso, Ave Maria e cinco Glórias ao Pai e Salve Rainha.)

11 – ORAÇÃO AO SOL

Ó Sol! Ó Sol! Ó Sol, que triste vai-se escondendo por debaixo das sete nuvens escuras, deixando o mundo sem luz, entristecendo o coração aflito, assim como vos peço, meus raios do Sol, que entristeçais o coração de *Fulano.* Se ele estiver comendo, não comerá, e o primeiro bocado lhe cairá ao chão. E tu, *Fulano,* de mim hás de te lembrar. Três quedas deu Jesus Cristo com a pesada cruz e três baques, tu Sol, darás no coração de *Fulano.* A tua boca te amargará como amargou a sempre Virgem Maria. A tristeza te acompanha, *Fulano,* de noite e de dia, assim como acompanhou a sempre Virgem Mãe Santíssima. *Fulano,* não poderás ter alegria enquanto comigo não falares. Eu aparecerei diante de teus olhos, como as estrelas que brilham no céu. Se estiveres nos braços de outra mulher, hás de te aborrecer. Só de mim, *Fulano,* terás conso-

lação. As lágrimas te saltarão dos olhos, assim como saltaram dos olhos da sempre Virgem Santíssima. Cravo esta faca (num boneco vestido de homem), assim como cravaram Jesus Cristo na cruz. Assim, *Fulano*, eu te cravo no coração de dor, ó Sol, ó Sol, ó Sol! Tu subirás os montes assim como Moisés subiu e descerás dos montes como Moisés desceu do Monte Sinai, em busca dos Dez Mandamentos da Lei de Deus. Assim como tu, meus raios do Sol, mudas de cor, assim *Fulano* há de mudar sua afeição da noite para o dia. Assim como Jesus Cristo entrou pela porta do Calvário, assim *Fulano* entrarás pela porta da minha casa ou lugar onde eu estiver. Ó Sol, ó Sol, ó Sol que anda caminhando pelo deserto todo o tempo, se te encontrares com *Fulano*, traz-me ele aqui, embora mais triste do que nossa Mãe Maria Santíssima, quando viu o seu amado filho ir para a cruz. Ó Sol, ó Sol, ó Sol, com dois eu te vejo, com cinco eu te ato o coração, eu te bebo o sangue, eu te parto debaixo do meu pé esquerdo. *Fulano*, pela luz de Cristo, tu andarás atrás de mim, chorando como andam as almas nas trevas atrás da luz. Assim como as estrelas viajam por cima da cabeça de Jesus e da Mãe Santíssima, meu Menino Deus, assim como vós destes três pulos no ventre de vossa Mãe Santíssima, eu vos rogo dardes três baques no coração de *Fulano*, para de mim se lembrar e vir à minha procura. Minha estrela bela, pela hora que no céu nasceste, neste cordão, *Fulano*, prendo o teu coração com o meu. (Amarra uma boneca em cima da outra.)

A Oração do Sol, uma das mais típicas, prova uma total convergência das espécies, associando as imagens divinas e humanas a serviço da atração amorosa. Certas "permanentes" sobrevivem, quase inalteráveis: "com dois eu te vejo, com cinco eu te bebo o sangue, eu te ato o coração, eu te parto debaixo do meu pé esquerdo", etc. Os verbos ligar, atar, amarrar têm grande força expressiva, sugerindo a idéia de aproximação. Na mais alta percentagem, essas palavras são pronunciadas ao mesmo tempo que entrelaçam, dão nós aos fios ou amarram, uma sobre a outra, duas bonecas. Menciono aqui o valor dos nós, significando ligação de amor físico.

LOUVAÇÕES AOS MESTRES E MESTRAS

ZÉ PELINTRA
(José Gomes da Silva)

Sou o Zé Pelintra,
Nêgo do pé derramado,
Quem mexer com Zé Pelintra
Está doido ou está danado.

Seu doutor, seu doutor,
Bravo senhor
Zé Pelintra chegou
Bravo senhor,
Na mesa da Jurema
Bravo senhor.
Se você não queria,
Para que me convidou,
Seu doutor, seu doutor
Bravo senhor.

ZEZINHO DO ACAI

Cantando eu venho
Folgando eu estou

Cantando eu venho
Da minha cidade.

A minha barquinha nova
Nela eu venho
Feita de Aroeira
Que é pau marinho
Quem vem dentro dela
É o meu Jesus
De braços abertos
Cravado na cruz.

MESTRE CARLOS

Vinde, vinde, vinde,
Oh! flor da noite,
Reluzindo
Por todas as mesas!
Rei ô rei ô rei,
Ô rei lá-lá
Mestre Carlos vem trabaiá,
Meia hora de relógio
— Licença me queiram dá!

Mestre Carlos é bom mestre
Que aprendeu sem se ensiná,
Três dias levou caído
Na raiz do Juremá.
Quando ele se levantou
Foi pronto pra trabaiá
Trunfando na mesa escura,
Na sua mesa riá!
Oh! rei Nanã Ah! rei Nanã.

PAI JOAQUIM

Pai Joaquim é preto alegre,
esquimbamba!
Preto véio divertido,

esquimbamba!
Eu só fico mais alegre,
esquimbamba!
Adepois de tê bebido,
esquimbamba!
Enquanto minha-i é bonita,
esquimbamba!
Que fará o Pai Joaquim
esquimbamba!
Qu'inda duvida que haja outro,
esquimbamba!
Preto alegre cumo a mim!
esquimbamba!
Ariari,
esquimbamba!

XARAMUNDI

— Pelo tronco eu subi
E pela rama eu desci
Pelo som da minha gaita eu fui
E pelo som da minha gaita eu vim
Sou Mestre Xaramundi,
Sou Mestre Xaramundô,
Sou do tronco da Jurema,
Sou um Mestre curadô!

MALUNGUINHO

Malunguinho, ó Malunguinho,
caboclo índio riá,
com as forças de sinhá Luxa
e o nosso Pai Celestiá,
abre as portas que eu te mando
sete pedra imperiá,
com a força de Salomão
no nosso Pai Celestiá.

TERTULIANO

Que cidade é aquela
Que eu de longe estou avistando,
É cidade de Campo Verde
Tertuliano vem chegando.

É de Panema, é de Panema,
Tertuliano vem chegando à Jurema.
É de Panema, é de Panema.
Salve os senhores Mestres
Da cidade da Jurema.

ROLDÃO DE OLIVEIRA

De longe venho chegando agora,
Mestre Roldão de Oliveira na cruz!
Dairim, dairim, dairô,
Se me dão licença eu entro,
Se não me dão, eu vou-me embora deste mundo
Dairim, dairim, dairô.

MARIA DO ACAI

Galo preto rumanisco
Que canta no meu terreiro,
Canta no pé da Jurema,
Meu Jesus,
Lá no pé do meu cruzeiro.

Quando eu baixo
Nesta mesa,
Eu baixo pra trabalhar,
Venho dominando as mesas
Meu Jesus
Prá ninguém me dominar.

LUÍS DOS MONTES

Eu venho de altas torres
Do reino de Juremá,
Que eu me chamo Luís dos Montes,
Trabaio com Vajucá,
Com três galhinhos de alecrim
E os três reis orientá
Preciso eu dum mestre
Pra me ajudá
— É Mestre Luís dos Montes
De Jurema e Juremá!

LAURINDA

Meu navio está no porto
E a barca já vem chegando,
Eu sou a Mestra Laurinda,
Ô reis! ô reis!
Que aos irmãos venho salvando!

— Deus te salve Mestra Laurinda no má,
Princesa de Vajucá!
— Deus te salve Mestra Laurinda no má,
Que aos irmãos venho salvá!

ZÉ PELINTRA
(José Gomes da Silva)

Pitiguaria está cantando
Ó meu Deus o que será,
Uns cantam, outros assobiam,
A sorte é Deus quem dá.

Na passagem dum riacho,
Maria me deu a mão,
O prometido é devido,
É chegada a ocasião.

Zé Pelintra é bom Mestre
Que aprendeu sem se ensinar,
Três dias passou caído
No tronco do Juremá.
E quando se levantou
Foi pronto pra trabalhar.

Colega, dái-me um cigarro
Que eu também sou fumador,
A pontinha que eu trazia
Caiu n'água e se molhou.

Colega, dai-me uma bicada
Que eu também sou bebedor,
A garrafa que eu trazia
Caiu no chão e se quebrou.

ANEXO

Maravilhas do Zé Pelintra

INTRODUÇÃO

Zé Pelintra (José Gomes da Silva), indiscutivelmente é uma das entidades mais procuradas e respeitadas no âmbito da Linha das Almas ou Linha dos Pretos-Velhos, sendo um Egum, que a nosso exemplo igualmente viveu neste Planeta. No Norte e Nordeste brasileiros tornou-se uma das mais conceituadas entidades espirituais, com "praticações" maravilhosas prestadas em nome da caridade. Destacou-se, igualmente, nos trabalhos das conhecidas Mesas do Catimbó.

Situou-se na sua vivência como figura predominante das rodas da "malandragem", jogando e bebendo nos mais diferentes e conhecidos pontos da vida boêmia que sempre levou, constituindo-se no mais autêntico defensor dos fracos e oprimidos, principalmente protegendo as mulheres do submundo do pecado.

Zé Pelintra se irradia também na Linha de Exu.

Não fosse ainda a nossa constante ligação e permanência com o Catimbó, culto fortíssimo no Norte e Nordeste do País, diante da ausência de fatos elucidativos da Entidade, tema da presente obra, pouca referência ou quase nenhuma poderíamos mencionar sobre o nosso Zé Pelintra, a não ser as já anteriormente citadas acima.

Procuraremos oferecer aos nobres irmãos-de-fé, no desenvolver dos capítulos que compõem este volume, tudo o

O Autor "acostado" com o Mestre Zé Pelintra

que nos foi dado conseguir, através de conhecimentos próprios e do reduzido material para pesquisas, como este Mago dos Feitiços adquiriu tamanha popularidade espiritual, carinho, prestígio e preferência.

Passemos a cultuar o Mestre Zé Pelintra (José Gomes da Silva).

Eu sou o Zé Pelintra,
Nêgo do pé derramado,
Quem mexer com Zé Pelintra
Está doido ou está danado.

Seu doutor, seu doutor,
Bravo senhor
Zé Pelintra chegou,
Bravo senhor,
Na mesa da Jurema
Bravo senhor,
Se você não me queria,
Para que me convidou
Seu doutor, seu doutor
Bravo senhor.

PRECE DE ZÉ PELINTRA

Salve Deus, Pai Criador de todo o Universo.

Salve Zé Pelintra, mensageiro de luz, guia e proteção, abnegação e carinho.

Bendito seja o Senhor do Bonfim.

Bendita seja a Imaculada Conceição.

Salve Zé Pelintra, protetor de todos aqueles que em nome de Jesus praticam a caridade.

Dai-nos, Zé Pelintra, o sentimento suave que se chama misericórdia. Dai-nos o bom conselho, a proteção, o apoio, a luminosidade espiritual de que estamos carecendo para que possamos transmitir aos nossos inimigos o amor e a misericórdia que lhes devemos por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que todos os homens sejam felizes na Terra e possam viver sem amarguras, sem lágrimas e sem ódio.

Tomai-nos, Zé Pelintra, sob a vossa proteção. Desviai de nós os espíritos atrasados e obsessores enviados por nossos inimigos; iluminai nosso espírito, nossa alma, nossa inteligência e coração, abrasando-nos nas chamas do vosso amor por nosso Pai Oxalá.

Valei-nos, Zé Pelintra, nesta necessidade, concedendo-nos a graça de vosso auxílio junto a Nosso Senhor Jesus Cristo, em favor deste pedido (fazer o pedido que desejar).

E que Deus Nosso Senhor, em sua infinita misericórdia,

nos cubra de bênçãos e aumente a vossa luz e a vossa força, para que mais e mais possais espalhar sobre a Terra a caridade e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Paz na frente, Paz na Guia. Acompanham-me Deus e a Virgem Maria; Deus quer e Deus pode. Deus faz tudo quanto quiser. Deus há de fazer tudo quanto eu necessitar. Que os meus inimigos não me vejam, nem de noite, nem de dia, nem no pingo do meio-dia.

Louvado seja Deus, Senhor São Córdia, Aleluia!

Com as três palavras ditas e as três palavras retornadas da boca de Nosso Senhor Jesus Cristo, eu me cruzo em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito-Santo. Que o manto de nossa Mãe Maria Santíssima me cubra contra os inimigos materiais e espirituais. Que o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo se derrame sobre minha cabeça, dando-me paz e sossego na fé de meu Pai Oxalá.

Que a sombra do Cruzeiro Mestre da cidade da Jurema abrigue a todos aqueles que me desejarem bem e que os meus inimigos tenham tanto sossego como as ondas do mar, assim como era no princípio, seja agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Que assim seja!

REMÉDIOS DE ZÉ PELINTRA

Na maioria das vezes, no decorrer de leituras, vamos encontrando em outras regiões, em outras gentes, as mesmas manifestações folclóricas existentes nos sertões nordestinos.

Aproveito-me em anotá-las, evidenciando-as quando merecem menções.

A propósito, rebuscando um velho alfarrábio, nele encontro anotações correspondentes ao que iremos tratar. Algumas são até bastante curiosas. Através delas observaremos como são de caráter idêntico, como fossem almas gêmeas de povos os mais afastados e os mais diversos.

Nenhuma teoria científica conseguiu explicar, até agora, de modo elucidativo, tais aproximações. Inúmeras hipóteses têm sido levantadas, sem contudo alcançar o êxito completo e desejado.

Dentre os remédios caseiros e sérios, comprovadamente eficazes, utilizados pelo sertanejo, ocupa lugar de destaque, entre outros, a conhecida "cera do ouvido". Com o emprego de tal secreção dos canais auditivos, homens e mulheres curam mordidelas de insetos e outros pequeninos males. Efetivamente, é geral a crença que cada pessoa carrega em seu corpo diversos elementos para a aplicação de vários remédios. Isto, encontraremos pelo mundo afora. Daí, a aplicação da

cera do ouvido, da saliva, da urina e até de excrementos, para determinados casos.

O que não podemos contestar é o efeito de certas substâncias químicas que entram na composição de aludidas secreções e que possam deixar de produzir o resultado buscado.

Outro remédio caseiro, freqüentemente usado no Nordeste, para a cura de ferimentos, é o Picumã.

É o nome conhecido e que se dá às teias-de-aranha, que pendem das chaminés dos fogões, repletas de poeira e de outros detritos. Nada melhor que o seu emprego para estancar o sangue. Conforme o ferimento causado, utiliza-se a quantidade suficiente sobre o golpe, e em instante imediato, o sangue coagula como que por milagre. É que os fios tenuíssimos e impregnados de poeira, gordura e carvão, agem como os fios que os médicos usam no "pinçar" ferimentos.

Já para os conhecidos casos de espinhela-caída, é sempre aconselhável, conforme emprega o sertanejo, a ação dos "curadores", seguindo-se o uso das apropriadas e muito utilizadas garrafadas.

Contra a amarelidão, quer ela seja proveniente de icterícia, quer de opilação, o "curador" nordestino receita, com freqüência, o uso da urina de vaca pela manhã, para ser bebida misturada ao leite.

OFERENDAS

Para Zé Pelintra
Abrir os Caminhos

Em um dia de segunda-feira ir a um bar ou birosca, escolhendo para isto, de preferência, onde o local seja de barro, pois assim sendo assemelhar-se-á mais com a época e com a vontade de Zé Pelintra.

Levar uma toalha de xadrez, nas cores branca e vermelha, uma garrafa de meladinha (cachaça com mel de abelha), preparada por quem estiver fazendo a oferenda, cigarros de boa qualidade, caixa de fósforos, pemba branca, sete cravos vermelhos, um prato branco virgem e três velas brancas. Chegando ao local escolhido, em um dos cantos do bar ou birosca, estender a toalha xadrez, depositar no centro da toalha o prato branco com sete pastéis já fritos, abrir a garrafa de meladinha derramando um pouco em forma de cruz fora da toalha, colocar a garrafa em cima da toalha ao lado do prato com os pastéis, acender as três velas do lado de fora da toalha, formando um triângulo, abrir o maço de cigarros puxando-se as pontas para o lado de fora, acender um deles, colocando-o em cima da caixa de fósforos, que deve permanecer entreaberta, com alguns palitos do lado de fora. A seguir, oferecer a "arriada" para Zé Pelintra, pedindo-lhe proteção para que os caminhos sejam abertos.

Para Zé Pelintra
Quebrar uma Demanda

Em um dia de segunda-feira ir a uma encruzilhada em forma de um *X*, levando o seguinte material: uma vela vermelha, uma preta e outra branca, uma toalha toda vermelha, um maço de cigarros, uma caixa com fósforos, sete cravos vermelhos, uma garrafa de cachaça (marafo), um copo branco, o nome da pessoa que está prejudicando escrito em papel branco, em forma de cruz, uma pemba branca e outra preta. Chegando à encruzilhada, pedir licença para "arriar" ali a oferenda. Esticar a toalha vermelha, abrir a garrafa de cachaça, derramando um pouco em cruz, do lado de fora da toalha, encher o copo colocando-o no centro da toalha; colocar a pemba branca e a preta em cima da toalha, abrir o maço de cigarros, acender um deles, pondo em cima da caixa de fósforos. Em seguida, pegar o papel com o nome da pessoa, enrolando-o e colocando dentro da garrafa de cachaça, acender as velas do lado de fora da toalha, contornando a toalha com os cravos vermelhos. Finalizando, dizer: — "Zé Pelintra, eu te faço esta oferenda, pedindo-te forças, muita saúde e para que quebres a demanda que fulano (dizer o nome da pessoa) me mandou".

ORAÇÕES

Poderosa Oração de Nossa Senhora Aparecida

Ó incomparável Senhora Aparecida, Mãe de Deus, Rainha dos Anjos, Advogada dos pecadores, Refúgio e Consolação dos aflitos e atribulados.

Ó Virgem Santíssima, cheia de poder e de bondade, lançai sobre nós um olhar favorável para que sejamos socorridos em todas as necessidades em que nos acharmos.

Lembrai-vos, Clementíssima Mãe Aparecida que não consta que todos os que têm a Vós recorrido — invocando o Vosso Santíssimo Nome e implorando Vossa singular proteção — fosse por Vós abandonado.

Animado com essa confiança, a Vós recorro, a Vós tomo, de hoje para sempre, por minha mãe, minha protetora, minha consolação e guia, minha esperança e minha luz na hora da morte.

Assim, pois, Senhora, livrai-me de tudo o que possa ofender-Vos e a Vosso Santíssimo Filho, meu Redentor e meu Senhor Jesus Cristo!

Virgem Bendita, preservai a este Vosso indigno servo — a esta casa e seus habitantes — da peste, da fome, guerra, terremotos e outros perigos e males que nos possam flagelar. Soberana Senhora, dignai-Vos dirigir-nos e a todos os negócios temporais e espirituais. Livrai-nos da tentação do Demônio, para que — trilhando pelo caminho da verdade, pelos merecimentos da Vossa Puríssima Virgindade e do Preciosíssimo Sangue do Vosso Filho — possamos ver, amar e gozar da eterna glória por todos os séculos dos séculos. Assim seja!

Para as 18 Horas de Cada Dia

"És mais branca que a neve,
És mais clara que o dia,
És mais linda que a rosa,
És a Ave Maria.
És a Mãe da Humanidade,
Dos espíritos és o Guia,
Mãe Ave Maria. . . cheia de graça."
(Rezar a Ave Maria)

Depois disto, continuar:

"Rainha do Céu,
Virgem Maria,
Guiai minha alma e meu corpo,
De noite e de dia,
Andarei por toda a parte,
Com a Virgem Maria.
Assim seja!"

Haverá, por acaso, melhor companhia que a Virgem Maria? Por conseguinte, andai sempre com Jesus em vossos corações, tende sempre a Virgem Maria como companheira, e andareis sempre bem acompanhado. Ela vos guiará por caminhos certos e seguros.

Contra Qualquer Espécie de Doença

Pai Eterno, Senhor Misericordioso e Justo.

Pela Encarnação, Nascimento, Vida, Paixão, Morte, Ressurreição e Ascenção de Nosso Senhor Jesus Cristo. Por todos Esses Santíssimos mistérios, nos quais eu creio firmemente, rogo à Santíssima Trindade, por intermédio da Puríssima Virgem Maria, nossa Mãe e Advogada, livre-me e cure-me a mim (dizer o nome), da doença (mencionar a doença).

São Sebastião, São Roque, São Lázaro, Santa Luzia, todos os Santos protetores contra males físicos, eu vos suplico proteção.

Curai-me, Senhor Jesus; livrai-me, Cristo, desta doença.

Adoremos, louvemos, sejamos sempre obedientes a Nosso Senhor Jesus Cristo, que por nós padeceu e morreu na Cruz. Assim seja!

Contra a Cólera

Senhor Deus, Criador do céu e da terra, louvores Vos sejam dados, por todos os séculos dos séculos. Amém!

Senhor Meu, Jesus Cristo, Filho único de Deus Todo Poderoso, que sofrestes e morretes na Cruz por nossos pecados, ouvi a nossa oração, perdoai os nossos pecados, limpai a nossa alma, e pelo Vosso Santo Sangue derramado na Cruz, livrai-nos de todo mal. Amém!

Cordeiro de Deus, que limpastes os pecados do mundo, tende piedade de nós. Assim seja!

Contra Hemorragias

Deus criador, prosto-me humilde em Vossa presença. Vosso filho pecador (dizendo o nome da pessoa) está sofrendo de hemorragia. Vós, que sois Onipotente, pelo Vosso Infinito Poder, pelo Vosso Santíssimo Nome, operai em mim o milagre que operastes na mulher que sofria de um fluxo de sangue e que, cheia de fé, tocou em Vosso manto. Como

aquela mulher publicana, com a milha fé fervorosa, serei por Vós curado do mal que estou sofrendo. Assim seja!

Contra os Maus Espíritos

Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus Vivo, ouvi minha oração. O Puríssimo Espírito de Jesus foi, é, e será o vencedor de todos os inimigos e de todos os adversários dos que amam e crêem em Jesus Cristo.

Jesus Cristo reina! Jesus Cristo impera! Jesus Cristo governa por todos os séculos dos séculos. Assim seja!

Para ter Bons Resultados nos Negócios

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Para sempre seja louvado!

Meu Deus e meu Senhor, a Vós que disseste que seriam atendidos os pedidos dos fiéis que se dirigissem a Vós cheios de fé em Vosso Amor e Misericórdia; a Vós me dirijo suplicando Vosso amparo em meus negócios e Vossa bênção para os meus trabalhos.

Assim, confiando em Vosso Infinito Poder, eu recorro a Vós, neste momento, crente de que não me desamparareis e que me concedereis a graça de ver cercado de bom êxito os meus esforços nesta transação que farei.

Louvores Vos sejam dados por todos os séculos dos séculos. Assim seja!

Contra Espíritos Obsessores e Inimigos Invisíveis

Senhor meu Deus, Pai Eterno e Onipotente, graças Vos sejam dadas. Contrito dos meus pecados, rogo o Vosso auxílio e peço-Vos que me livreis dos ataques dos espíritos maus, das perseguições dos meus inimigos, sejam eles visíveis ou invisíveis.

Assim como o rei Davi, eu clamo:

"Julgai-me, Senhor! e separai minha casa daquela gente infiel."

Sois meu Pai e meu Defensor. Concedei-me a graça de receber Vossa Luz e de merecer Vossa proteção.

Pelo Sagrado Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim seja!

Para Anular Dificuldades e Embaraços nos Negócios

Glória a Deus nas alturas e Paz na Terra aos homens de boa vontade.

Louvo São Judas Tadeu, São Benedito, Santo Antão, São Policarpo.

Louvo Santo Expedito, pelo bom êxito dos meus negócios, pela minha tranqüilidade, pela minha paz.

Graças Vos sejam dadas, ó meu Bom e Amado Jesus, pela Vossa misericordiosa proteção.

Louvado seja Deus, Criador do céu e da terra, Eterno Pai de todas as criaturas.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, pela Vossa misericórdia.

Louvado seja o Divino Espírito Santo, pela sua misericórdia.

Louvado seja para todo o sempre a Santíssima Trindade.

Meu Deus, embora eu seja pecador, com toda humildade Vos peço a graça de me ampardes em meus trabalhos, em minha profissão e em meus negócios.

Senhor Jesus Cristo, Vós dissestes:

"Pedi e recebereis."

Com firme confiança em Vossa Justiça e Misericórdia, rogo o Vosso amparo, afastando as dificuldades, os obstáculos, os impedimentos de meu caminho.

Concedei-me, Senhor, a felicidade de colher o fruto dos meus esforços. Dai-me, Senhor, a ventura de poder sustentar-me com o meu trabalho e assim dar um exemplo de fidelidade aos Vossos Mandamentos, aos meus filhos, aos meus amigos, aos meus conhecidos.

Creio em Vós, Senhor, e tenho certeza de que não serei desamparado. Assim seja!

Ao Anjo-da-Guarda

Deus seja louvado por todos os séculos dos séculos. Assim seja! Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Deus confiou as almas aos Santos Anjos, para que as guiassem e as conduzissem pela estrada da salvação.

Anjo de Deus, que possuis poder, graça, virtude e caridade, executor do que ordena o Pai Celestial. Salve, salve!

Meu puro Anjo-da-Guarda, que sois meu defensor e meu guia, pela misericórdia divina, protegei-me, orientai-me, acompanhai-me em meus passos pelos caminhos da vida. Acendei em meu coração a chama da caridade e do amor aos meus semelhantes, irmãos em Jesus Cristo. Dai-me fé inquebrantável na Justiça e na Sabedoria de Deus.

Tenho confiança em vós, tenho a esperança de que me consolarás sempre em minhas aflições, que me socorrerás em minhas dificuldades, que me ajudarás a vencer as tentações e estarás ao meu lado na hora da minha morte, sendo meu advogado perante o Juízo Supremo.

Disse o Senhor meu Deus:

"Enviarei meu anjo diante de tua face, para aguardar-te no caminho e leva-te ao lugar que te tenho preparado." Assim seja!

DIVERSOS TRABALHOS

Para Atrair a Felicidade de Uma Pessoa

Em um dia de segunda-feira, na lua nova, levar à beira de uma praia uma garrafa de vinho fino, uma garrafa de leite, uma garrafa de mel de abelhas e sete rosas brancas. Depois de saudar a Rainha do Mar e a todo o seu povo, pedir licença e dizer:

"Rainha do Mar, eu te venho saudar e te oferecer vinho, para que me banhes de felicidade, leite para que eu tenha alegrias em minha vida, mel para que se abrandem todos os males e se afastem de mim as amarguras, e rosas brancas para que a minha alma seja purificada das influências de todas as coisas negras e más."

Isto feito, jogar as ofertas ao mar, uma de cada vez, confome as mencionadas, e acrescentar:

Hoje é dia da Grande Senhora
Do céu, da Terra e do mar!
Calunga, é, é, é, é, é!
Calunga, a, a, a, a, a!
Brilham as estrelas no céu,
Brincam os peixinhos do mar!

Calunga, é, é, é, é, é!
Calunga, a, a, a, a, a!

Este trabalho deve ser feito ao meio-dia, quando o sol está em cima de nossa cabeça.

Para Abrandar os Inimigos

Santa Catarina foi uma santa que praticou o poder do verbo, pois ela, com todas as suas santas palavras, abrandou todos os gênios e os corações de todos os homens furiosos.

Portanto, quem quiser abrandar os seus inimigos, transformando-os em amigos, é só acender uma vela à bendita Santa Catarina, usando um copo com água ao lado, e acrescentar:

És mais bela que o Sol,
Mais que as estrelas tu és linda.
Abrandais os gênios maus
Bela Santa Catarina.
É mais formosa que a Lua,
Mais que as estrelas tu és linda.
Tu que praticastes o poder do verbo,
Bela Santa Catarina.

Para se Firmar na Vida

Quando uma pessoa desejar se firmar na vida, em negócios, carreira, colocação etc., levar em um dia de quarta-feira uma vela e uma garrafa de cerveja preta a um penedo ou pedreira. Em seguida, abrir a garrafa de cerveja, salvar Xangô e todo o seu povo, derramando um pouco da cerveja em cruz em cima da pedra, e terminar cantando:

Pedra rolou, Xangô,
Lá na pedreira,
Firma ponto, meu Pai,
Na cachoeira.

Firmai-me na vida, meu Pai Xangô, para que eu não an-

de rolando feito uma pedra, e que todos os meus caminhos sejam abertos daqui por diante.

Para Afastar uma Pessoa Indesejável do seu Convívio

Ir a uma praia quando a maré estiver alta, de preferência na lua cheia, e apanhar os resíduos que as ondas depositam na beira da praia, levando para casa e deixando secar (algas, gravetos, etc.). De preferência numa sexta-feira fazer um defumador no local onde a pessoa costuma ficar, defumando em círculo e depois cruzando o local, não esquecendo nunca de deixar a porta da rua aberta, dizendo o seguinte:

"Eu (dizer o nome) peço que o povo do Mar e todas as suas falanges, assim como o Mar dia a dia expulsa vomitando todo o seu lixo para as praias e costas, eu peço que expulse Fulano (dizer o nome da pessoa) de dentro da minha casa."

Ao terminar, embrulhar num papel branco e liso as cinzas já frias do defumador e guardar num local próximo da porta da rua (mas dentro de casa). Esperando o dia, ou a hora, em que tiver seu pedido atendido, indo em seguida à mesma praia e no local em que foi feita a coleta, levando o embrulho, uma vela e uma rosa branca, devendo a maré estar em vazante (baixa). Acender a vela agradecendo ao Povo do Mar pela graça obtida, ofertar a rosa na água, esperando que sete ondas batam na praia, soltar o embrulho fechado na água e dizer as seguintes palavras:

"Sereia Tubarão do Mar, todo o mal vais levar. Eu, Fulano (dizer o nome), vos agradeço por tudo que fizestes."

Retirar-se da praia, dando sete passos para trás, fazendo o sinal da cruz, com os dedos molhados na água do mar.

Para Descarrego, Proteção e Contra Doenças

Comprar Erva de Santa Luzia, benjoim, incenso e rosas brancas.

O defumador deverá ser feito em forma de cruz, principalmente sobre a parte do corpo afetada, no caso da pessoa estar doente. Dizer o seguinte:

"Ó Santa Luzia, que tens o poder de curar os olhos, livrai-nos do mal, de noite e de dia. Guiai a alma e o corpo de Fulano (dizer o nome do doente). Minha Santa Luzia, rogai a Deus por Fulano (repetir o nome da pessoa) de noite e de dia. Continuar com a defumação, dizendo:

A estrela que brilha no azul,
No azul do céu de noite e de dia,
Essa estrela que brilha tão firme
É conhecida por Santa Luzia.

Ao findar a defumação esperar que as cinzas esfriem, embrulhando-as em um papel branco e liso, indo despachar à beira de um rio, levando sete rosas brancas oferecendo à Mãe d'Água e agradecendo a graça obtida. Finalizando, acrescentar:

"Assim como a água do rio corre para o mar, que todo mal de Fulano (repetir o nome da pessoa), seja levado para bem longe. Que ele tenha sempre à sua volta paz, saúde e prosperidade.

Para Afastar Espírito que Esteja Encostado, Pensando em Ajudar, Estando Sempre Prejudicando

Durante sete segundas-feiras (em local fora de casa: em uma igreja, na beira da praia, ou no quintal fora de casa), acender uma vela de cera, dizendo as seguintes palavras: "Fulano (dizer o nome completo da pessoa falecida), eu ofereço esta luz, pedindo a Deus que te ilumine, que te dê força na tua caminhada — pois já não pertences mais a este mundo — que me deixes seguir minha vida, e que sigas a tua caminhada na paz de Oxalá"

Para Aumentar o seu Dinheiro

Comprar sete garrafas de *marafo* e, num dia de sexta-feira, ir a sete encruzilhadas, abrindo em cada uma delas uma

garrafa de *marafo*, jogando um pouco no chão, em cruz (isto é, cruzando), e colocando em cada uma delas uma moeda de 1 cruzeiro, dizendo o seguinte: "— Povo das encruzilhadas, aqui eu trouxe o vosso *marafo* e aqui tenho estas moedas. Venho pedir a todos que aumentem o meu dinheiro, que me ajudem com todas as vossas forças".

Quando estiver na sétima e última encruzilhada, acrescentar: "— Aqui tem a vossa bebida e as moedas. Vos peço pela sétima vez que multiplique o meu dinheiro e que me dê forças, vos prometendo aqui voltar em outra ocasião, quando eu estiver mais formoso".

Retirar-se, dando alguns passos para trás pedindo licença e dizendo: "— Tenho certeza que serei por vós atendido".

Não se virar para olhar e nem passar pelas encruzilhadas onde o *trabalho* foi arriado durante 21 dias.

Para uma Pessoa Deixar o Vício da Bebida

Comprar uma garrafa de cachaça e num dia de sexta-feira, de lua minguante, às 12, 18 ou 24 horas, ir a uma encruzilhada, abrir a garrafa, pôr-se de costas, derramando o líquido no chão, dizendo as seguintes palavras: "— Assim como esta lua míngua, eu (Fulano), vou minguar o vício de beber".

A seguir, retirar-se, sem olhar para trás. Tal trabalho pode ser feito pela pessoa que bebe ou em benefício de outra qualquer pessoa.

Para Curar uma Criança de Qualquer Tipo de Enfermidade

Comprar (ou fazer) uma toalha de cor branca, que nunca tenha sido usada, uma vela branca, um copo virgem, uma garrafa vazia de vinho branco, 3 rosas brancas. Estender a toalha em cima de uma mesa, encher a garrafa com água filtrada, pondo-a em cima da mesa. Em seguida, por o copo em cima da garrafa, de modo que a mesma fique tampada; acender a

vela num pires também branco e virgem. Isto feito, pronunciar a seguinte oração:

"— Peço com todas as forças ao povo médico do Oriente que transforme esta água em remédio, e que as forças Astrais aqui se concentrem, e que o nosso Pai me dê esta graça, por mim pedida com toda a humildade."

Esperar que a vela termine de arder e despachar as rosas no mar. Deste momento em diante, o trabalho está pronto, podendo nos momentos de aflição ser dada à criança enferma como remédio, nas horas que ela estiver com sede.

Para Ocasião de Grande Aflição

Podendo ser aplicado nos seguintes casos:

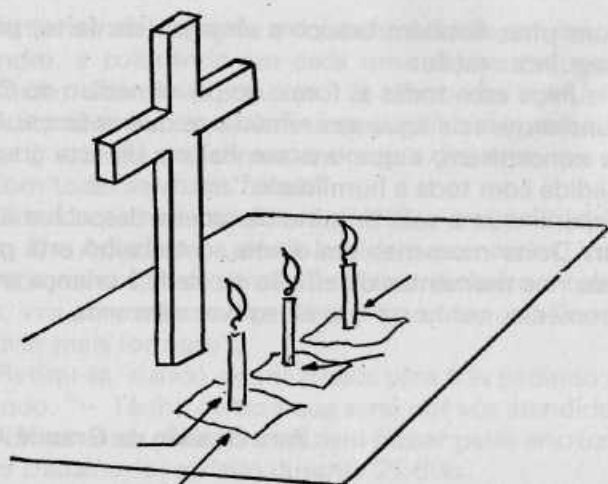
a) quando alguém retiver um documento querendo levar proveito próprio;

b) quando alguém se negar a cumprir um certo compromisso assumido;

c) quando alguém retiver uma dívida assumida;

d) quando alguém o prejudicar no trabalho ou em negócios.

Em um dia de segunda-feira, em primeiro lugar, tomar um banho de descarga (quebra-demanda), comprar 3 velas de cor branca, escrever o nome da pessoa que estiver em falta, usando três pedaços de papel branco. (O nome da pessoa deve ser escrito em cruz, nos três pedaços de papel.) Ir fora de casa, acender as três velas, colocando os papéis escritos com o nome da pessoa, um embaixo de cada vela. Depois de tudo pronto, de joelhos, oferecer uma vela para as Almas Aflitas, outra para as Almas Desesperadas, e a última para as Almas do Desassossego, fazendo o pedido da seguinte forma:

"— Peço que Fulano (dizer o nome da pessoa) viva como um aflito, desesperado, desassossegado, enquanto viver." Completar o pedido que estiver lhe afligindo e acrescentar: "Eu tenho certeza que serei atendido, e que ele viva aflito, desesperado e desassossegado, enquanto pensar em me prejudicar".

Logo a seguir, rezar 3 Pai Nossos, oferecendo-os às almas aflitas, desesperadas e desassossegadas e retirar-se dando 3 passos para trás, agradecendo.

BANHOS

Banhos de Firmeza

1º Banho de Firmeza

Arruda
Guiné
Alecrim do Campo
Cipó Mil Homens
Erva de São João

2º Banho de Firmeza

Arruda
Guiné
Aroeira
Barba de Velho
Alecrim do campo

3º Banho de Firmeza

Arruda
Guiné
Erva de São João

Verbena
Folhas de samambaia
Folhas de louro
Folhas de cipreste

4º Banho de Firmeza

Arruda
Folhas de Girassol
Comigo-Ninguém-Pode
Alecrim
Folhas de coqueiro

5º Banho de Firmeza

Arruda
Guiné
Manjericão
Espada de São Jorge
Comigo-Ninguém-Pode
Verbena
Tapete de Oxalá

Banhos de Descarga

1º Banho de Descarga

Arruda
Guiné
Folhas de manjericão
Samambaia (folhas)
Abre caminhos
Cipó Mil Homens
Espada de São Jorge

2º Banho de Descarga

Espada de São Jorge
Espada de Santa Bárbara

Folhas de mangueira
Barba de Velho
Jaborandi

3º Banho de Descarga

Espada de São Jorge
Arruda
Guiné
Manjericão
Verbena
Folhas de eucalipto
Abre caminhos

4º Banho de Descarga

Espada de São Jorge
Guiné
Alecrim do campo
Comigo-Ninguém-Pode
Barba de velho
Guaco
Folhas de mangueira

5º Banho de Descarga

Espada de São Jorge
Folhas de manjericão
Aroeira
Cipó Mil Homens
Espada de Santa Bárbara
Gonçalinho
Arruda

Nota: Todos estes banhos são tomados do pescoço para baixo, sem atingir a cabeça.

CURIOSIDADES

Por que o Negro é Preto

Por que o negro tem a sola dos pés e a palma das mãos inteiramente brancas? Eis aí uma indagação a permitir-nos uma descrição que dista ao tempo em que Cristo andou pela Paraíba.

Foi Mestre Alípio, vaqueiro conceituado, administrador do Engenho Itaipu, quem procurou esclarecer o que sabia a respeito. Não se fez de rogado. Contou-nos que era voz corrente, disso sabendo desde menino, que Jesus "ao aparecer por aqui", costumava passear por todos os recantos, numa visita de inspeção.

Numa das visitações e avistando-o à distância, a mulher de um camponês ficou envergonhada por ser muito moça e já possuir 16 filhos e, então, meteu alguns deles escondidos num quarto. Esperou que chegasse a sua vez de ser interrogada, o que não tardou. Jesus dela aproximou-se e perguntou-lhe se aqueles meninos que estavam no terreiro eram seus filhos, obtendo resposta afirmativa. Indagou ainda se ela estava satisfeita com a instalação, passdio e condições de vida. A casa lhe parecia bem grande, até confortável. Mas, de repente, Jesus mostrou curiosidade em saber o que havia no tal quarto onde as crianças se achavam ocultas. Respondeu-lhe a jovem mãe um tanto embaraçada:

— Trata-se de um depósito de carvão.

Despedindo-se e abençoando a todos, Jesus teve palavras sentenciosas:

— Sendo carvão, não mudará de cor.

De imediato a mulher correu para soltar o resto da sua ninhada e foi violentamente surpreendida em ver que os filhos estavam pretos. Por causa da sua mentira, tornara-se mãe de oitos filhos negros. Seu desgosto não poderia ser menor do que foi. Que fazer, então? Revoltada consigo mesma, não escondia toda a tristeza. Até que um dos apóstolos de Jesus, o santo Pedro, recomendou-lhe cheio de confiança:

— Leve os meninos ao Jordão e faça-os banhar-se nas suas águas que eles ficarão brancos.

Seguindo a orientação recebida, quando a camponesa chegou com a metade de seus filhos às margens do rio sagrado, inexplicavelmente este se achava quase seco, com um fiozinho de nada correndo, mal chegando para que as crianças pudessem molhar a sola dos pés e a palma das mãos. E como estivessem com sede, beberam gotas apenas para enganar o desejo. Resultado de tudo isso: ficaram brancas somente aquelas partes do corpo, inclusive a boca.

— A boca, Alípio? — interrogamos.

— Sim, senhor! E acrescentou:

— A água foi pouquinha, dando apenas para clarear, puxando mais para o roxo.

É a explicação que se conhece com o fim de decifrar o mistério. Os escravos da Várzea costumavam contar esta estória nas suas reuniões domésticas das senzalas e também da Casa Grande, não deixando de fazer suas "variações de largo fôlego", introduzindo detalhes interessantes, enxertos e improvisações, traços de vivo pitoresco, mas o essencial está no que ficou relatado em conformidade com a tradição. E sem tirar nem pôr.

A Influência do Galo Preto

Não sei se já notaram, alguma vez, que de todos os galos existentes e de tantas raças que conhecemos, uma existe com

características diferentes: *os* galos de *cor preta*. São os últimos a cantar. Melhor explicando: são os que cantam próximo ao raiar do dia.

Eis aí o motivo de muitas lendas e crendices afirmarem que o cantar do galo dissipa as trevas da noite e afugenta os maus espíritos e demônios.

Nos terreiros dos cultos Afro-brasileiros, principalmente na Bahia, Pernambuco e em algumas regiões do Estado do Rio de Janeiro, se dá muita importância ao canto dos galos, pois os médiuns, quando estão no decorrer de sessões e ouvem o cantar do galo, prestam saudação ao mesmo, cantando o seguinte ponto:

Meu galo preto romanisco,
Não cante no meu Terreiro,
Só canta aos pés de Cristo,
E no pé do seu madeiro.

Pelo exposto acima, conclui-se que o galo preto exerce uma grande influência nos trabalhos de magia, melhor, no terreno da Quimbanda.

Mau-Olhado e Quebranto

Terrível mal que se apresenta invisível, sorrateiro, obstinado! Continua assombrando e matando milhares de criaturas. Por ele vive o Catimbó parte essencialíssima. É uma força irradiante e malévola que o mau-olhado espalha ao derredor, consciente ou inconscientemente. Mata devagar, secando, como se a energia vital se evaporasse lentamente.

Árvores, flores, animais, crianças, mulheres, homens, rapazes envelhecem em poucos meses. As criaturas enrugam o rosto, tremem as mãos, cambaleiam o andar, têm calafrios, insônias, mal-estar, inapetência. Perdem a alegria de olhar, de desejar, de querer. As crianças são as vítimas preferidas. Morrem secas, mirradas, encolhidas, com a pele de pergaminho, atoleimadas, babando, lábios finos, esgazeando os olhos, arroxeando a face, recusando alimentar-se.

Basta alguém olhar com olho-mau a criança, a moça, a roseira, o animal bonito, a árvore frondosa. E nesse olhar vem a força maléfica, a energia agressiva e mortal, o veneno imponderável.

Olhado, olho-grande, fascínio, mau-olhado, têm uma história tão longa e clássica como as grandes epidemias que a higiene venceu e desmoralizou.

O Catimbó, herdeiro mais legítimo da "bruxaria", é o adversário popular consagrado contra o mau-olhado, fonte do quebranto, com o emprego das velhas armas de outrora, veteranas e prestigiadas pela credulidade secular.

Há meios de verificação que constituem, na maioria dos casos, altos segredos profissionais das rezadeiras, sacerdotisas errantes do Catimbó.

O Catimbó é o veículo mais poderoso para o combate ao mau-olhado, pela pronta ação medicamentosa de seus Mestres, utilizando segredos milagrosos.

PONTOS CANTADOS

(Linha das Almas)

PAI BENEDITO DA GUINÉ

Pai Benedito vem de Guiné
Vem de Guiné
Pra salvar filhos de fé.
Salve Pai Benedito
Que vem trabalhar
Na fé de Oxalá.

VOVÓ MARIA CHICA

Preta velha feiticeira
Que trabalha na Quimbanda
Vovó Maria Chica Mirongueira
Saravá a sua banda.

Demanda com ponto de fogo
Vovó Maria Chica sabe desmanchar
Sua Quimbanda é para o bem
Pra todo mal segurar.

VOVÓ MARIA REDONDA

Quem vem lá
Que combate demandas,
Linha de Congo
É Maria Redonda.

VELHO FABRÍCIO

Eu adorei as almas,
De Velho Fabrício,
Eu adorei as almas
Da sua Quimbanda.
Eu adorei as almas
No dia de hoje.
Eu adorei as almas.

Ai, meu Deus do céu,
Tenha pena de mim.
Eu quero viver lá no céu
Com a proteção
Do meu Senhor do Bonfim.

VOVÓ MARIA CONGA

Eu vi Rei Congo
Junto com Zambi
Correndo gira
Dentro deste Jacutá.
Maria Conga,
Maria Conga,
Maria Conga,
Toma conta do Gongá.

PAI ANDRÉ DE GUINÉ

Meu bom Jesus,
Meu Senhor do Bonfim,

As Almas Santas
Me diga, me diga quem é
Que vem chegando de Aruanda.
É Pai André de Guiné.

PAI CARLOS DE LUANDA

Firmou seu ponto na areia,
Seu nome ele vai anunciar
Ele se chama
Pai Carlos de Luanda
E vem para Umbanda trabalhar.

VOVÓ CAMBINDA D'ANGOLA

Cambinda,
Cambinda vem lá de Angola,
Trazendo a sua sacola,
Seu rosário e patuá.
Cambinda,
Vem na Umbanda saravá.
Vem trazer para os seus filhos
As bênçãos de Oxalá.

Lá vem Vovó descendo a serra
Com sua sacola
Com seu patuá
Com seu rosário,
Ela vem de Angola.
Eu quero ver papai,
Eu quero ver mamãe,
Eu quero ver
Filho de pembra
Não tem querer.

PAI JOAQUIM DA COSTA

Você se lembra
Daquela casa pequenina

Aonde Pai Joaquim morou.
Foi naqueles tempos que existia
A Terra que Jesus abençoou.

Preto Velho. . .
Quando chega no Terreiro. . .
Preto Velho
Se esquece do cativeiro.
Pai Joaquim, á, á, á!
Pai Joaquim, ê, ê, ê!
Tem Preto Velho na Calunga
Filho das Santas Almas,
Vamos todos saravá.

Há quanto tempo
Que eu não bebo vinho.
Se tiver, moça mineira,
Me dá um bocadinho.

Catimbó, catimberê,
Catimbó, catimberê.
Pai Joaquim de Aruanda
É que vem nos saravá.

Venho de longe,
Venho da mais linda cidade,
Sou Pai Joaquim do Congo
Desmanchando toda a maldade.

Pai Joaquim, ê, ê.
Pai Joaquim, ê, ê, á.
Pai Joaquim é filho d'Angola,
Pai Joaquim é d'Angola,
Angola á.

TIA ROSA DA BAHIA

Minha agulha, minha didá,
Quem não tem agulha

Pra que qué didá.
Minha ponto é seguro,
É no fundo do mar,
Minha ponto é seguro
Mamãe Iemanjá.
Minha ponto é seguro,
É do fundo do mar,
Minha ponto é seguro
Meu Pai Oxalá.

PAI JOÃO DE ANGOLA

Pai João vem de Angola,
Ele vem beirando o mar.
Pai João vem de Angola,
Pra seus filhos saravá.
Ele vai levar todo o mal,
Vai levar, vai levar,
Para o fundo das águas de Iemanjá.

Na Angola tem um velho
Que caminha devagar,
Ele se chama Pai João
E vamos trabalhar.

VOVÓ GENEROSA DO CRUZEIRO

Meu cotoquinho de vela
Que meu bom Jesus me deu,
Me fala nas Almas
Pelo amor de Deus.

PAI JULIÃO

Pai Julião vem de Aruanda,
Do Reino de Zambi.
Gira na cangira
Pra seus filhos saravá.
Oi, ele vem de tão longe

Pra ver o seu Gongá.
Oi, gira na cangira
Pra seus filhos saravá.

PAI FIRMINO D'ANGOLA

Eu cheguei sim
E sou pouco de cantar
Minha Quimbanda
É muito grande
Nela eu sou o maiorá.
Meu feitiço é verdadeiro
Ninguém pode desmanchar
Sou Firmino Angoleiro,
Eu levo pro fundo do mar.

Firmino é rezador,
Quimbandeiro e feiticeiro.
Ele veio lá de Angola,
Ele é Velho rezador.
Quando encontra algum mal feito,
Procura logo desmanchar,
Sua bagagem é muito grande
Mas ele pode carregar.

Ele veio lá de Angola,
Veio para trabalhar,
Veio saravá a banda,
Veio saravá o Gongá.

JOSÉ BAIANO DO CRUZEIRO

Lá no Cruzeiro das Almas,
José Baiano manda,
Com a força de Omolu,
José Baiano é vencedor de demanda.

José Baiano é quimbandeiro,
José Baiano é feiticeiro.
Na gira de José Baiano
Não há melhor feiticeiro,
Eu moro lá na Calunga,
Na Calunga quero morar.
José Baiano é Feiticeiro
E demanda quer ganhar.
Quem quer ganhar de José Baiano,
7 punhá é que vai levar.

PONTOS RISCADOS

Pretos Velhos

Ponto de Pai Domício

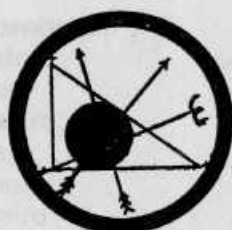
Ponto de Pai Fabrício de Aruanda

Ponto de Pai Domício das Almas

Ponto de Pai Fulgêncio

Ponto de Pai Inácio

Ponto de Pai Fulgênio da Guiné

Ponto de Vovó Cambinda da Guiné

Ponto de Pai Joaquim do Congo

Ponto de Pai Jerônimo

Ponto de Pai Joaquim

Ponto de Pai Cipriano da Senzala

Ponto de Pai Joaquim D'Angola

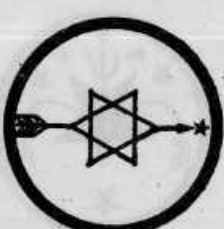
Caboclos

Ponto do Caboclo Tupi

Caboclo Zuri

Ponto do Caboclo Tartaruga do Pará

Mata Virgem

Caboclo Tupiara

Ponto do Caboclo Javari

Cabocla Jurema

Ponto Oxossi Mata Virgem

Ponto de Oxossi das Matas

Jussara

Caboclo Jureminha

Ponto do Caboclo Vira-Mundo

SOBRE O AUTOR

José Ribeiro de Souza, nascido a 22 de abril de 1931, na Bahia, aos 13 anos de idade ingressava na "Lei do Santo", entregue à prestação da caridade aos necessitados, tendo sido permanentemente procurado por uma legião de "filhos de fé", procedentes dos mais distantes pontos do Estado de Pernambuco, pois, para a cidade de Recife havia se mudado, respeitando, na época, interesses familiares.

Nutrido por uma vontade inabalável em se aprimorar nos conhecimentos exigidos para o exercício do sacerdócio do culto, galgou os escalões da sabedoria, do respeito e do prestígio, condições conseguidas da maneira mais sacrificada. Venceu sem um mínimo de auxílio material. Não se intimidou ao deparo da adversidade e caminhou célere, atingindo o seu mais nobre e honroso propósito: o de se tornar útil aos seus semelhantes.

Ainda bastante jovem, aos seus 22 anos, viu-se coroado pelo beneplácito da "Força Superior", ao tempo em que recebeu o prêmio de um estágio escolástico na famosa "Universidade de Coimbra", dali embrenhando-se em temporadas sucessivas e tópicas pela África Portuguesa. Enriquecia, assim, o seu campo de conhecimentos etnológicos e o conhecimento de nada menos que 291 dialetos tribais, proporcionando-lhe a cátedra que hoje possui.

É o único professor de línguas sudanesas no Brasil, reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU); fundador e professor do "Instituto de Estudos Afro-Brasileiros"; Sacerdote do Culto Nagô desde 1944; jornalista profissional, tendo mantido colunas semanais nos jornais Gazeta de Notícias, O Dia, Última Hora, Folha da Guanabara, Jornal dos Sports, Revista Mironga, *além de se constituir em figura permanente em programas ritualísticos de televisão e rádio; membro fundador e efetivo do Círculo de Escritores de Umbanda; compositor e intérprete de músicas afro-brasileiras e folclóricas; membro imortal da Academia de Letras do Vale do Paraíba; ex-fundador e integrante de inúmeras entidades dos cultos afro-brasileiros.*

É conferencista internacional com marcantes atuações no Centro de Sociólogos de Buenos Aires e no Centro de Parapsicologia de Caracas, e formado pela Sociedade Internacional de Parapsicologia e Cosmobiologia do Panamá, tendo sido distinguido com o Diploma de Miembro de Honor.

Agraciado pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro com o título de Cidadão Carioca e pelo Comando do I Exército e Conselho Estadual de Cultura do antigo Estado da Guanabara, por sua efetiva colaboração ao programa Independência e Cultura.

No terreno da literatura afro-brasileira é autor de mais de 40 obras publicadas e editadas no Brasil.

No campo musical, como autor e intérprete, além de haver gravado quatro LPs, intitulados: No Reino de Angola, Cântico e Encanto dos Orixás, Louvação aos Orixás, Coração em Chamas *(romântico-popular), é autor de mais de 400 composições gravadas e editadas.*

Reconhecido como sendo a maior autoridade em Candomblé no Brasil, completou em 1968 o seu "Jubileu-de-Prata", dentro da "Lei do Santo" e, hoje em dia, possui mais de quatro mil Filhos-de-Santo no Brasil e no exterior.

Em abril de 1971, com o desaparecimento do saudoso Táta-ti-Inkice, Joãozinho da Goméia, foi conduzido por um movimento consensual de toda a imprensa escrita, falada e televisada, ao elevado e representativo grau de "Rei do Candomblé no Brasil", em cerimônia ritualístico-religiosa formada por renomados Babalorixás e Ialorixás, presidida pelo saudoso "Papa-Negro" da Umbanda, Tancredo da Silva Pinto.

Foi participante efetivo das mini-séries da TV Globo, nominadas como "Bandidos da Falange", "Hora do Carrasco", "Guerra dos Inocentes" e "O Pagador de Promessas". No circuito dos longas-metragens nacionais atuou nos filmes "Dona Flor e Seus Dois Maridos" e "Cordão de Ouro".

É bispo in-pectoris *da Igreja Católica Apostólica Brasileira (Ordem dos Missionários da Santa Cruz), e Cardeal-Primaz da Igreja Espiritualista do Brasil, da qual é fundador.*

É detentor da 1ª Cadeira da Academia dos Cultos Afro-Brasileiros.

É filho de santo da saudosa Dálcia Maria do Nascimento, Obá-Guirê *de Xangô (3º "barco" de Menininha do Gantois) e teve como Zelador*

de seu Santo o finado Tata-ti-Inkice Olegário Luiz Medeiros (Odé-Aualé), *tendo suas raízes plantadas no Gantois e no Axé de Tata Fomotinho (Antônio Pinto).*

No plano genealógico espiritual é neto legítimo de Mãe Menininha do Gantois, e tetraneto de Dona Ana de Souza (Rainha Ginja N'Gola).

Filho do Orixá Iansã, cuja Dijina é Egun-Nitá. *O seu* Orunkó *(nome) foi conhecido como sendo* Oyáci Ny Afobé Ilá Ti Egun-Nitá. *Daí, a razão do seu* Ilê *denominar-se* Terreiro de Iansã Egun-Nitá *(*Palácio de Iansan*), localizado na Estrada Santa Efigênia, 152 – Taquara – Jacarepaguá – RJ – CEP 22700 – Telefone: 342-2176.*

José Ribeiro

CATIMBÓ – Magia do Nordeste

José Ribeiro

TÃO DIVERSO E VARIADO É
O CONTEÚDO DESTE
CATIMBÓ – MAGIA DO NORDESTE,
QUANTO O É A PRÓPRIA
MAGIA DO CATIMBÓ.
ENRIQUECE-O O PROF. JOSÉ RIBEIRO
COM UM ANEXO:
MARAVILHAS DO ZÉ PELINTRA.
VALHA-SE DAS ORAÇÕES E DOS SEGREDOS
DO CATIMBÓ E, DE QUEBRA,
APRENDA A USAR
CORRETAMENTE O PODER
DE "SEU" ZÉ PELINTRA.

PALLAS
Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44 - Higienópolis
Tel.: 270-0186 - 21050 - Rio, RJ